

ÍNDICE

Lição I – Prepare-se para Ser um Pregador Leigo	2
Lição II – Organize o Seu Atelier Homilético	9
Lição III – Entenda o Propósito da Pregação	14
Lição IV – Decida o Tema	20
Lição V – Interprete-o	26
Lição VI – Decida como Organizá-lo	32
Lição VII – Faça um Esquema	41
Lição VIII – Comece Bem	49
Lição IX – Ilumine a Sua Pregação	53
Lição X – Conclua Melhor	58
Lição XI – Escreva o Sermão	62
Lição XII – Apresente-o com Poder	66



LIÇÃO I

PREPARE-SE PARA SER UM PREGADOR LEIGO

Carlos desfrutava de uma feliz experiência enquanto estudava a Licenciatura em Teologia. Há poucos meses tinha recebido o chamado do Senhor e tinha-se convertido a Ele. A sua vida estava impulsionada por um definido chamado divino para o ministério da Palavra de Deus e pelas almas, e procurava preparar-se da melhor maneira.

Um dia convidaram-no a assumir a direção de um Clube de Desbravadores, aproveitando as suas condições naturais de líder juvenil. Ele não tinha experiência nessa área, mas aceitou satisfeito com tão excelente oportunidade de enriquecer a sua formação pastoral. Informou-se rapidamente acerca das características gerais da nova atividade e começou as suas funções.

Para motivar o grupo de jovens que devia guiar, organizou uma saída campestre com o propósito de realizar diversas atividades com eles. Envolvido nos preparativos relacionados com a excursão, a sua mente estava cheia de pensamentos acerca do lugar, os alimentos, o meio de transporte, elementos da cozinha, tendas, etc. Os preparativos correram bem. Saíram à hora prevista. Chegaram ao lugar desejado. Mas logo ao chegar, Carlos teve de enfrentar a tremenda realidade: não tinha pensado, nem estudado, nem planificado, nem consultado, que tipo de atividade era conveniente numa saída deste tipo, por estar tão envolvido com os outros aspetos prévios. Desconhecia por completo esta atividade, e não sabia o que se podia fazer. Ali estava um líder juvenil com o seu grupo, sem saber o que fazer com eles. Não estava preparado para a tarefa que tinha entre mãos.

Queremos evitar a situação vivida por ele. Desenvolveremos este curso apresentando de forma gradual e detalhada os diversos traços gerais que nos permitam preparar e pregar os nossos próprios sermões e conferências da melhor maneira.

Abarcaremos os seguintes grandes aspetos: **o pregador, o seu equipamento (ou ferramentas), a preparação do seu tema, e a apresentação do mesmo.**

Portanto, veremos a seguir o que é um pregador leigo, que qualidades deveria possuir, e quais são as suas possibilidades de êxito.

I. O QUE É UM PREGADOR LEIGO?

Evans proporciona-nos uma definição singular que nos permite vislumbrar o que é um pregador... Ele define-o como *“aquele que está preparado por Deus para a obra da pregação do Evangelho. É um homem que, por um lado, pela sua natureza recebe a verdade de Deus, e, por outro,*

*peda sua natureza comunica aquela verdade aos homens, ele está em contacto com Deus a favor dos homens, e está em contacto com os homens a favor de Deus”.*¹

Através dos tempos Deus utilizou o instrumento humano para dar as suas mensagens aos homens. O próprio Jesus deu a ordem “*pregai o Evangelho a toda a criatura*”.² Esta ordem foi dada não só aos apóstolos, mas também à igreja, segundo se depreende das palavras do apóstolo Pedro, que diz que o povo de Deus deve “anunciar as virtudes” daquele que o chamou das trevas para a Sua luz admirável.³

De modo que um pregador é alguém chamado por Deus para fazer parte do Seu povo (quer tenha ou não um ministério específico como o dos apóstolos) e pregar o evangelho anunciando as virtudes de Cristo. As Sagradas Escrituras são testemunho disto como veremos a seguir ao observar que o livro de Atos dos Apóstolos apresenta estes a realizar esta tarefa,⁴ e os diáconos,⁵ e os outros crentes.⁶ Marcos regista também que o ex-endemoninhado também pregava acerca das grandes coisas que Jesus tinha feito com ele⁷.

Pregar o Evangelho é um imperativo de Cristo para o crente mas é também um imperativo interior do cristão. Paulo expressa esta tremenda necessidade: “*e ai de mim se não anunciar o Evangelho!*”.⁸ Os apóstolos não podiam deixar de dizer o que tinham visto e ouvido,⁹ e por isso testemunhavam assim: “*o que vimos e ouvimos (de Cristo), isso vos anunciamos*”.¹⁰

Paulo destaca a importância que esta tarefa tem para a salvação daqueles que necessitam de ouvir o Evangelho e crer nele, e a extraordinária beleza desta tarefa que possibilitará alcançar aqueles que creiam quando escutem acerca de Jesus Cristo. Ele diz:

*“Porque todo aquele que invocar o nome do Senhor, será salvo. Como, pois, invocarão aquele em quem não creram? e como crerão naquele de quem não ouviram? e como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão se não forem enviados? Como está escrito: Quão formosos são os pés dos que anunciam a paz, dos que anunciam coisas boas!”.*¹¹

Recapitulando, o pregador é um crente cristão que cumpre a ordem de Cristo e proclama o Evangelho movido por um chamado interior, consciente da necessidade que a Humanidade tem dessa mensagem. Essa proclamação consiste na apresentação das virtudes de Cristo a quem ele conhece. Considera-se adquirido por Cristo, desfruta de uma rica experiência de relação com Ele e deseja que outras pessoas também a desfrutem.

Há pregadores que são chamados a realizar esta tarefa dedicando todo o seu tempo disponível para isso, como os evangelistas, pastores, e instrutores bíblicos, sustentados pela igreja. Mas há também pregadores leigos. O pregador leigo:

*“É um crente que, sem ter vocação divina especial para ser pastor de igrejas, tem o dom da palavra, e o exercita no ministério do testemunho verbal, sem remuneração financeira”.*¹²

*“Este é tão ministro como aquele já que um dos ensinamentos mais claros de todo o Novo Testamento é precisamente este: que todo o crente em Cristo Jesus é um ministro de Deus...”.*¹³

Tentaremos agora ver quais são as qualificações essenciais que um pregador leigo necessita de ter.

II. COMO DEVE SER O PREGADOR LEIGO

Ao nos introduzirmos nas características ou qualidades que habilitarão o pregador leigo, queremos deixar claro para que ninguém se desanime, que as consideramos necessidades básicas para pregadores e ao mesmo tempo metas a alcançar.

Vamos agrupá-las em quatro áreas, a saber: em relação à vida pessoal, aos dons naturais, aos conhecimentos, e à habilidade. Nisto temos em mente o que Broadus afirma ao dizer que a pregação efetiva requer piedade, dons naturais, conhecimentos, e habilidade.¹⁴

A. Vida pessoal

Em relação à vida pessoal, o pregador leigo, necessita possuir estas características mínimas:

1. Uma profunda vida espiritual

Esta qualidade de vida só é possível quando o crente mantém uma comunhão diária e viva com o Senhor, tem uma real dependência do Espírito Santo, alimenta-se da Palavra de Deus para ser transformado por ela, e desfruta de uma permanente experiência de conversão ao Senhor.

2. Vive a mensagem que prega

Um locutor pode transmitir uma mensagem mesmo que não acredite nela nem a viva. A sua função é informar. Mas um pregador transmite a sua fé, as suas vivências, o que desfruta. Partilha um modo de viver, não é apenas uma mera teoria ou informação.

3. Amor pelas almas

Paulo afirmou: *“Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse caridade, seria como o metal que soa, ou como o sino que tine”*.¹⁵ O amor que moveu Cristo a renunciar aos privilégios da Sua condição celestial e descer à terra para assumir a natureza humana, servir as necessidades do ser humano, anunciar o reino de Deus, e morrer como cumprimento da Sua missão salvadora; é o princípio que deve reger o pregador leigo.

Isto implica responsabilidade para fazer a tarefa quando Deus manda, como Deus quer, e da melhor maneira. Inclui a consagração de todo o ser e das suas faculdades para a realização da mesma. Compreende a disposição para nos negarmos a nós próprios para o bem da glória de Deus e do bem-estar e salvação das pessoas.

B. Dons naturais

A pregação requer uma mente clara que possa entender o que estuda para poder depois partilhar de forma compreensível. O pregador necessita de ter sentimentos suficientes para vibrar em uníssono com o Espírito de Deus, com a Sua mensagem, e com o coração humano necessitado. Deveria possuir bastante imaginação para ver a mensagem e encontrar a maneira de a fazer ver aos seus ouvintes. Evans diz que *“é o trabalho do pregador fazer com que os homens primeiro – VEJAM as coisas; depois que as sintam; e então, que atuem de acordo com o que viram e ouvirem”*.¹⁶ Além disso, necessita de ser capaz de expressar com clareza as suas ideias, pronunciando bem as palavras.

C. Conhecimentos

O pregador deve imprescindivelmente conhecer Deus de uma maneira viva e experiencial. Deveria conhecer a Bíblia como o professor conhece os seus livros de texto. Também dominar os livros que contribuirão para o seu estudo e compreensão. Terá de ser um estudioso das pessoas, das suas necessidades, inquietudes e problemas, bem como dos seus ideais e aspirações atuais; para poder adaptar a elas a mensagem bíblica e conseguir maior efetividade na sua obra. Deverá ler bons livros que enriqueçam e ampliem o seu panorama cultural. Isto permitir-lhe-á relacionar-se cada vez melhor com o seu meio ambiente e servi-lo.

D. Habilidade

Há dons naturais que facilitam a tarefa do pregador, mas é necessário desenvolvê-los adquirindo uma maior habilidade através do estudo de técnicas que contribuam para ter um bom estilo de oratória, uma melhor expressão das palavras, e uma capacidade superior para coleccionar, seleccionar e arranjar materiais. Isto requer um esforço constante, mas produz incalculáveis satisfações. Contribuirá muito para este aspeto o estudo da abordagem, da tarefa e dos sermões de outros pregadores. Especialmente benéfico será a análise do PREGADOR por excelência: Jesus Cristo.

É provável que a esta altura, alguém se pergunte: perante tudo isto, quem está em condições para ser um pregador? Dedicuemo-nos agora a visualizar as possibilidades que o pregador leigo tem.

III. AS POSSIBILIDADES DO PREGADOR LEIGO

O pregador leigo conta com alguns fatores que estão a favor do seu êxito e outros que vão contra ele.

A. Desvantagens

Diz Anderson que o pregador leigo tem algumas desvantagens e corre certos perigos que podem afetá-lo, tais como:¹⁷

1. Imitar um pastor muito admirado.
2. Enfatuar-se.
3. Falta de tempo.
4. Falta de conhecimentos suficientes.
5. Tendência para pregar só sobre um tema.

Mas isto pode-se resolver se se usam os talentos e personalidade próprios, com uma atitude humilde, organizando a administração do tempo, enriquecendo os conhecimentos que se tem, pregando o que se sabe sem se aprofundar por caminhos desconhecidos, e tendo amplitude na seleção dos temas a elaborar.

B. Vantagens

Mas, por outro lado, o pregador leigo goza de várias vantagens que o favorecem:¹⁸

1. Um contacto mais direto com a realidade vital que o homem comum enfrenta.

2. Um sentido mais amplo da necessidade do poder divino que lhe permitirá receber mais provisões celestiais.

3. A sua posição provisória. A congregação compreende-o porque sabe que não é um ministério de todos os dias.

Além disso, temos a perspectiva extraordinária de desenvolvimento que Jesus nos dá. Diz a inspirada escritora cristã Ellen G. White:

*“Jesus escolheu pescadores iletrados... Eram homens dotados de capacidade natural, humildes e dóceis – homens a quem podia educar para a Sua obra. Há nas ocupações comuns da vida muitos homens que seguem pacientemente a rotina diária, sem a consciência de possuírem capacidades que, se fossem postas em ação, os elevariam à altura dos mais honrados homens do mundo. ... Foram homens assim que Jesus chamou para Seus colaboradores; ... Quando os discípulos terminaram a formação com o Salvador, já não eram mais ignorantes e incultos. Tinham-se tornado semelhantes a Ele na mente e no caráter, e os homens reconheciam que tinham estado com Jesus.”*¹⁹

C. Impotência e poder

No entanto, é natural que você se sinta neste momento tão pequeno e insignificante que pense: Que poderei fazer? Para quê vou embarcar na aventura de fazer este curso? Como poderei ser um pregador leigo com a minha capacidade, perante os requisitos que esta tarefa exige? Antes de se entregar a estes pensamentos lembre-se de que outros passaram por uma situação semelhante quando Deus os chamou para trabalhar para Ele.

*Moisés disse: “Ah Senhor! Eu não sou homem eloquente, nem de ontem nem de anteontem, nem ainda desde que tens falado ao teu servo; porque sou pesado de boca, e pesado de língua.”*²⁰ *Isaías declarou: “Ai de mim, que vou perecendo! Porque eu sou um homem de lábios impuros, e habito no meio de um povo de impuros lábios: e os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos”.*²¹ *Jeremias replicou: “Ah! Senhor Jeová! Eis que não sei falar, porque sou uma criança”.*²² *Paulo exclamou: “E para estas coisas, quem é idóneo?” Mas ele próprio acrescentou: “não que sejamos capazes, por nós,... mas a nossa capacidade vem de Deus”.*²³

“A eficiência do Espírito Santo é que torna eficaz o ministério da palavra. Quando Cristo fala por intermédio do pastor, o Espírito Santo prepara o coração dos ouvintes para receber a palavra. O Espírito Santo não é um servo mas um poder que rege. Ele faz com que a verdade resplandeça no espírito, e fala através de todo o discurso em que o pastor se entrega à operação divina.”²⁴

O que necessitamos é aceitar o chamado de Deus, crer no Seu poder habilitador, entregar-nos a Ele para que nos capacite e nos prepare devidamente. Este curso vai ajudá-los nisso. Mas, dirão vocês, qual será a preparação imediata à qual nos teremos que dedicar?

D. Preparação pessoal

Novamente Evans vem em nosso auxílio para nos dizer que *“a verdadeira preparação para o ministério não consiste em alcançar uma certa habilidade em fazer sermões, e em aprender como apresentá-los em público, mas no desenvolvimento de uma personalidade efetivamente cristã. Não faltará quem ouça esse homem no púlpito”.*²⁵

E, E. G. White acrescenta: *“Examinai rigorosamente as vossas maneiras e hábitos. Comparai-os com a Palavra de Deus, e depois tirai da vossa vida todo hábito ou condescendência reprováveis. Ajoelhai-vos diante de Deus, e insisti com Ele para que vos dê compreensão da sua Palavra... Cumpre-vos ficar dia a dia, por assim dizer, encerrados com Jesus; e então vossas palavras e vosso exemplo exercerão poderosa influência para o bem”.*²⁶

Quando eu me estava a unir à igreja Adventista do Sétimo Dia e a gozar do reavivamento espiritual e da transformação que o Senhor estava a operar na minha vida, pediram-me que partilhasse com a congregação um relato proveniente do campo missionário mundial. Estudei-o durante a semana. Apresentei-o a transpirar. As minhas pernas tremiam. A minha voz era quase inaudível. Já passaram vários anos desde que isso aconteceu. Hoje desfruto do gozo de pregar várias vezes por semana por amor ao Senhor. A Sua graça é incomparável!

Paulo ordena-nos: “*Conjuro-te, pois, diante de Deus, e do Senhor Jesus Cristo, que há de julgar os vivos e os mortos, na sua vinda e no seu reino, que pregues a palavra, instes, a tempo e fora de tempo, redarguas, repreendas, exortes, com toda a longanimidade e doutrina*”.²⁷

Decida-se! Prepare-se para ser um pregador leigo!

BIBLIOGRAFIA

- (1) William Evans, *La Proclamación del Mensaje*. (Un manual de homilética), p. 8.
- (2) Marcos 16:15.
- (3) I Pedro 2:9.
- (4) Atos 2:14; 3:11.
- (5) Atos 6:8; 7:1.
- (6) Atos 8:1-4; 11:19-23.
- (7) Marcos 5:20.
- (8) I Coríntios 9:16.
- (9) Atos 4:20.
- (10) I João 1:3.
- (11) Romanos 10:13-15.
- (12) J. D. Crane, *Manual para Predicadores Laicos*, p. 14.
- (13) *Ibid.*, pp. 7 e 8.
- (14) Juan A Broadus, *Tratado sobre la Predicación*, pp. 22 e 23.
- (15) I Coríntios 13:1.
- (16) W. Evans, *op. cit.*, p. 133.
- (17) Justo Anderson, *Manual de Homilética para Leigos*, pp. 19 e 20.
- (18) J. Anderson, *op. cit.*, pp. 18 e 19.
- (19) E. G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, 2017, p. 213, ed. P. SerVir.
- (20) Êxodo 4:10.
- (21) Isaías 6:5.
- (22) Jeremias 1:6.
- (23) II Coríntios 2:16; 3:15.
- (24) E. G. White, *Obreiros Evangélicos*, pág. 155.
- (25) Evans, *op. cit.*, p. 9.

LIÇÃO II

ORGANIZE O SEU ATELIER HOMILÉTICO



Durante o desenvolvimento do nosso ministério no distrito de Vicente López, tivemos uma simpática relação com um casal de vizinhos que habitavam um dos apartamentos perto do nosso. Os apartamentos eram pequenos. Eles viviam com a mãe e a avó dele. As suas comodidades eram limitadas. Ele trabalhava em escritórios e além disso estava a fazer um curso de administração de nível terciário. Contudo, um dia ficámos a saber que, desde que vivia ali, o jovem tinha construído todos os móveis da sua casa. Parecia-nos impossível que o pudesse ter feito. Não era essa a sua profissão habitual, nem dispunha de tempo e comodidade suficientes. Picados pela curiosidade, decidimos investigar. Confirmaram-nos que a informação que tínhamos recebido era correta; ele tinha construído todos os móveis do seu lar. A carpintaria era o seu *hobby*.

Abrindo um armário, mostrou um banco de carpinteiro desmontável e desdobrável, com todas as ferramentas indispensáveis devidamente ordenadas e classificadas. Ao abrir a porta do armário de um dos quartos do seu apartamento, em poucos minutos tinha habilitado o seu atelier caseiro. Os seus segredos eram: amor à carpintaria, tinha lido muito sobre o ofício e organizado o seu atelier, as suas ferramentas e o seu tempo. Realizava com prazer a tarefa com resultados muito bons. Os móveis eram bonitos, fortes, e de boa qualidade.

O pregador leigo necessita também destas características: amor pela pregação, informar-se bem em relação a esta tarefa, e organizar o seu atelier homilético para realizar alegremente e com bons frutos a sagrada tarefa de pregar. Convém destacar a esta altura que a palavra “homilética” se refere à oratória sagrada ou pregação.

Quais os elementos necessários para o atelier do pregador? *Como* pode reunir os materiais para um sermão ou conferência? *Como* pode organizar as suas ferramentas e o seu tempo?

I. O ATELIER DE UM PREGADOR

O equipamento de um pregador leigo deveria incluir os seguintes elementos:

1. Biblioteca.
2. Arquivo de sermões e materiais.
3. Ficheiro de reuniões, ideias e ilustrações.
4. Cassetes de sermões e conferências.
5. Elementos audiovisuais:

- a. Flanelógrafo ou imanógrafo.
 - b. Projetor de diapositivos.
 - c. Gravador.
 - d. Diapositivos
6. Livros:
- a. Bíblia Sagrada: Se possível, ter mais do que uma versão. Especialmente a versão de maior circulação e de uso corrente no meio, e a tradução mais conhecida.
 - b. Livros do Espírito de Profecia: o ideal, e muito benéfico, é ter a maior quantidade possível de livros editados, escritos pela pena de E.G. White.
 - c. Concordância Bíblica: A mais completa que se possa adquirir.
 - d. Dicionário Bíblico.
 - e. Atlas Bíblico.
 - f. Comentário Bíblico.
 - g. Harmonia dos Evangelhos.
 - h. Livros de sermões e ilustrações.
 - i. Dicionário de sinónimos.
 - j. Outros, de preferência, do pregador voluntário.

II. COMO ORGANIZAR O ARQUIVO

Para organizar o arquivo de sermões e materiais é necessário pensar em duas coisas: o armário que será utilizado para tal fim, e o sistema de arquivo que será adotado.

A. O armário para arquivar

Pode ser um arquivo metálico ou de outro material, que pode ser adquirido nos comércios do ramo. Neste armário podem-se usar pastas de arquivo para pendurar diretamente na gaveta. Estas vêm em tamanho DIN A-4 ou fôlio.

Até que você o adquira de forma definitiva, ou se não deseja investir num móvel assim, pode optar por fazer uma caixa de madeira. Fazendo-lhe uma cobertura de polietileno para proteger os materiais do pó. As pastas mencionadas podem ser usadas. Alguns preferem usar envelopes de tamanho uniforme, geralmente DIN A-4 ou fôlio, de papel, em vez das pastas.

Outro móvel que pode muito bem assumir as funções de arquivo é uma cómoda que não é usada. Também é muito bom para arquivar fichas. As suas gavetas admitem materiais que devem ser dobrados em duas partes se são de tamanho carta, ou em três se são de tamanho DIN A-4 ou fôlio. Neste caso é necessário omitir as pastas e os envelopes. Trabalha-se melhor com separadores de cartolina que dividem os diferentes materiais, e até se pode prescindir deles se achar que não é conveniente.

De forma transitória, e mesmo de forma permanente, podem ser muito úteis para arquivar material dobrado nas mesmas condições, as caixas vazias de envelopes e de sapatos, forradas.

Os móveis e recipientes mencionados até aqui, exercem muito bem a função de arquivo de sermões e materiais de tamanho DIN A-4, carta e DIN A-5 ou meia carta.

Se desejar ter um fichero para conservar em fichas materiais pequenos (recortes de jornais, reuniões breves, poesias), existem ficheiros nos comércios anteriormente mencionados, ou pode-se usar de maneira proveitosa caixinhas de madeira ou caixas de cartão cobertas com polietileno. Existem três medidas de fichas que se pode usar. Aconselhamos as de 10 x 15cm. ou as de 12,5 x 7cm., por serem mais manejáveis. Isto permite que possam ser usadas diretamente na pregação. Há quem prefira preparar os seus sermões em fichas.

B. A classificação dos materiais

Existem diversos sistemas para a classificação de sermões, materiais e fichas. Começar a considerá-lo pode ser óbvio para quem tem acesso a estes sistemas devido à sua preparação académica, e dificultoso e complicado para quem não tem esse acesso. Se os quiséssemos reduzir à sua expressão mínima, podemos agrupá-los em três tipos:

1. Classificação por números.
2. Classificação por letras.
3. Classificação por temas.

Tendo em mente que devemos simplificar a tarefa do pregador leigo, sugerimos o sistema de classificação por temas por ser o mais prático. Deixamos, no entanto, esta escolha ao critério pessoal de cada pregador, que tem a opção final de acordo com as suas possibilidades.

Se adotamos o sistema de classificação por temas, é aconselhável dar os seguintes passos:

1. Adquira o móvel ou prepare a gaveta ou caixa.
2. À medida que vai encontrando os materiais ou que vai tendo sermões para arquivar, pegue na pasta, no envelope, ou no separador de cartolina, ou no próprio material dobrado, e escreva na parte superior o tema que contém.

Por exemplo:

BIBLIA. Inspiração da

3. Quando reunir materiais para outros temas, proceda da mesma maneira, e arquivar-os alfabeticamente.

4. Se reunir muitos materiais sobre diversos aspetos de um mesmo tema, pode classificá-los alfabeticamente por subtítulos, dentro do mesmo tema.

Por exemplo:

DEUS. Atributos de

DEUS. Criador

DEUS. Espírito Santo

DEUS. Filho

DEUS. Pai

DEUS. Redentor

Arquive periodicamente todo o material que obtenha. Depois revise periodicamente o seu arquivo e materiais, para manter uma noção daquilo que tem, para recolher ideias, para descartar aquilo que, com o passar do tempo, não utilize ou considere antiquado.

III. COMO REUNIR MATERIAIS E IDEIAS PARA UM SERMÃO

A. Fontes de materiais

Os materiais ou ideias para um sermão ou conferência podem ser encontrados:

1. No estudo definido acerca de um tema específico sobre o qual queremos dissertar. Por exemplo: A justificação pela fé.
2. Nos conhecimentos adquiridos anteriormente em leituras, referências, experiências vividas, reflexões realizadas.
3. Materiais existentes no nosso arquivo ou ficheiro.
4. Materiais encontrados no momento da investigação (nas Sagradas Escrituras, livros, revistas, etc.).
5. Na observação da vida diária (coisas, incidentes, pessoas) que providenciam ricas ideias para a elaboração de um tema.

B. Tipos de materiais

Existem três tipos de materiais se os consideramos tendo em conta a sua origem:

1. Materiais originais: São produzidos pelo próprio pregador como resultado de ideias e reflexões próprias. Pode incluir-se dentro deste grupo a apresentação nova, original e diferente de uma antiga ideia que, embora tenha servido de base, ficou superada.
2. Materiais emprestados: São as ideias de outros incorporadas num artigo, sermão ou conferência, porque expressam um pensamento que desejamos usar ou têm o peso da autoridade do autor. O pregador deve dar crédito ao autor original, mencionando de onde vêm esses materiais.
3. Materiais adaptados: São as ideias ou materiais de outros usados e apresentados como parte do sermão, depois de ter feito as adaptações necessárias. Neste caso também se deve mencionar a origem do material utilizado.

IV. COMO REUNIR IDEIAS APROVEITANDO O TEMPO

As seguintes sugestões têm em mente a agitação da vida moderna que nos absorve e as reduzidas possibilidades de tempo que o pregador leigo possui.

Para enriquecer o capital de ideias e materiais que se converterão em sermões ou conferências, recomendamos que faça o seguinte:

1. Reserve um momento definido cada dia para o estudo e investigação, serena. Mesma que seja breve, se é periódica, somará um capital valioso no decorrer do tempo.
2. Leia tudo o que puder e encontrará muitas ideias. Leve a Bíblia consigo onde for. Tenha sempre nas suas mãos um bom livro ou uma boa revista. Além da leitura diá-

ria e tranquila num momento designado para isso, é possível aproveitar inúmeras oportunidades que se apresentam regularmente. São oportunidades muito boas para ler quando se espera na sala de um consultório, na paragem do autocarro, numa repartição pública onde estamos a realizar um trâmite que implica espera e demora, quando chegamos cedo a um encontro ou quando a pessoa com quem nos temos de encontrar demora, quando falta o sono e a mente está vazia ou desocupada ou enquanto viajamos. Marque os pensamentos que considerar importantes para depois os copiar, ou copie-os se o lugar o permite.

3. Observe sempre e enriquecerá a sua mente. Quando visita outras pessoas, quando passeia e se relaciona com as pessoas, as coisas, os incidentes da vida, as frases que encontra nas ruas. Quando trabalha, escuta sermões ou conferências, ou vê televisão. Tenha sempre à mão fichas ou um bloco de notas para anotar todos os pensamentos que mereçam ser conservados e utilizados.

4. Reflita muito. Mantenha o tema que o interessa na mente. Digira-o. Elabore-o. Enriqueça-o. Passe logo para o papel o resultado das suas reflexões.

5. Arquive todos os materiais ou ideias que encontre e que pense que poderão ser-lhe úteis para o tema com o qual está a trabalhar ou para algum tema futuro.

Recorte. Copie. Arquive. Depois revise de vez em quando o que tem.

Se você tem materiais que já poderia classificar por temas, comece a fazê-lo agora mesmo. Organize o seu arquivo.

Concluiremos este capítulo, evocando através de uma ilustração elaborada pelo professor Henry N. Wieman, o perigo que o pregador leigo corre.

*“Conseguiu um sofá espaçoso e macio que considerava bom para a sua concentração mental. Adquiriu sapatilhas para o estudo e um casaco confortável; foi fixado um suporte no braço do sofá para manter o livro no ângulo reto diante dos seus olhos; foi instalada uma lâmpada especial e foi fornecido com viseira, lápis, papel e uma biblioteca giratória. Entrava no quarto depois da refeição vespertina, tirava o fato e punha o casaco, trocava os sapatos pelas sapatilhas, ajustava a lâmpada especial punha o livro no suporte, reclinava-se no confortável sofá com a viseira para proteger os olhos, e quando tudo estava perfeitamente arranjado, adormecia”.*¹

Lembre-se de que ter todos os elementos necessários para que o pregador realize bem a sua tarefa não lhe garante o êxito, a menos que ame a pregação, se interesse pelo tema, organize as suas ferramentas e o tempo, e trabalhe com entusiasmo e alegria nela.

Talvez você sinta a sua incapacidade para realizar esta tarefa. Lembre-se de que o apóstolo Tiago nos alenta com esta promessa: *“E, se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá, liberalmente e não o lança em rosto, e ser-lhe-á dada.”*²

BIBLIOGRAFIA

(1) Humberto Raúl Treiyer. *Apuntes de la Clase de Homilética* (Entre Ríos, Colegio Adventista del Plata, 1909).

(2) Tiago 1:5.



LIÇÃO III

ENTENDA O PROPÓSITO DA PREGAÇÃO

Numa certa ocasião tive a oportunidade de ouvir um pregador muito singular. Tinha chegado inesperadamente à igreja naquela manhã. Era bem conhecido por muitos dos seus membros. Embora o pregador local designado tivesse uma mensagem preparada para aquela ocasião, entendeu que os irmãos viam com agrado que o visitante fosse convidado a pregar na hora do culto solene. Assim fez, e o visitante aceitou.

Nunca soube se a modalidade do visitante era pregar habitualmente como daquela vez ou se não estava preparado, mas aceitou na mesma tentando desenrascar-se da melhor maneira. O que sempre recordarei é que as suas primeiras palavras foram: “Não sei do que vou falar, nem como começar, nem como vou terminar, mas é com muito prazer que partilharei estes momentos convosco.” Foi assim que começou o seu sermão. Até hoje me pergunto o que quis dizer e onde queria chegar com o tema que apresentou.

Este incidente acentuou em mim a preocupação em fazer caso àqueles que sabem pregar, que sugerem que é sempre necessário ter um propósito definido ao pregar um sermão.

Vamos então dedicar-nos à tarefa de definir em que consiste a pregação, quais são os seus propósitos gerais de base e como determinar o propósito específico ao preparar um tema.

I. EM QUE CONSISTE A PREGAÇÃO?

Antes de responder a esta pergunta, vamos esclarecer um pouco mais o significado da palavra “homilética” que temos vindo a usar.

A. Homilética e sermão

Recorreremos para isso à explicação dada por Evans, que diz:

“A palavra ‘homilética’ deriva da palavra grega ‘homilia’, e significa uma conversa ou discurso”....A homilética refere-se àquela ciência ou arte, ou ambas, que trata da construção e apresentação de sermões e mensagens bíblicos. Mostra-nos como preparar cientificamente um sermão ou discurso evangélico, e então, como o fazer eficazmente. A homilética, portanto, é a arte e a ciência de pregar”.¹

Encontramos aqui que a homilética é a ciência que estuda a pregação em todos os seus aspetos. De modo que, quando falamos de homilética, estamos a falar de pregação.

Alargando este pensamento, acrescentamos que o sermão ou discurso evangélico é a mensagem que é pregada, o fruto do trabalho do pregador, que é partilhado com aqueles para quem foi preparado.

Além disso esboçaremos uma tentativa de definição do que é a pregação.

B. Pregação

Reunindo ideias de diversos autores e ajustando-as numa pequena síntese, diremos que: Pregar é a comunicação verbal da verdade divina bíblica e cristocêntrica realizada por um homem idóneo e dirigida aos Homens, com o poder do Espírito Santo e com habilidade, para satisfazer as necessidades humanas e persuadir a vontade dos ouvintes.

1. A sua origem

É divina. Deus deu-Se a conhecer em Cristo ao pregador, e este comunica e partilha o que recebeu de Deus.²

2. O modo

É bíblico e cristocêntrico. Não se alimenta na fonte das emoções, impressões ou raciocínios humanos, mas sim em Cristo na Sagrada Escritura para O partilhar a partir daí. Spurgeon acerca disto disse:

*“Não ajustaremos a nossa Bíblia a esta época; mas, antes de dar o assunto por encerrado, pela graça de Deus, ajustaremos esta época à Bíblia. Não cairemos no erro daquele doutor distraído que tinha que cozer um ovo, e que, depositando o seu relógio na caçarola, estava a contemplar o ovo atentamente. Não é o cronómetro divino que tem de mudar, mas sim o pobre ovo do pensamento humano”.*³

*Martinez acrescenta que: “Quando se prega a Palavra e não simplesmente acerca da Palavra; a mensagem é revestida de poder sobrenatural. Este facto dá confiança ao pregador e impressiona os ouvintes”.*⁴

E, E. G. White corrobora quando expressa as seguintes ideias:

*“O primeiro e mais elevado dever de todo o ser racional é aprender nas Escrituras o que é a verdade, e então andar na luz, animando outros a seguirem o seu exemplo. Devemos, dia após dia, estudar a Bíblia, diligentemente, ponderando cada pensamento e comparando passagem com passagem.”*⁵

*“Seja a ambição dos pastores o estado cuidadoso da Bíblia, a fim de conhecerem o máximo possível a Deus e a Jesus Cristo, a qual Ele enviou. Com quanta maior clareza os pastores discernam a Cristo, e Lhe apanhem o espírito, com tanto maior vigor pregarão a simples verdade, da qual Cristo é o centro.”*⁶

*“Cristo crucificado, Cristo assunto ao céu, Cristo prestes a voltar, deve por tal forma abrandar, alegrar e encher a mente do ministro do evangelho que ele apresente essas verdades ao povo, com amor e ardor profundo. Perder-se-á então de vista o pastor, e Jesus será magnificado.”*⁷

3. O meio

Um homem idóneo e hábil que possua uma profunda vida espiritual, viva o que prega, ame as almas, e se consagre plenamente à tarefa, preparando-se da melhor maneira possível.

Anderson dá ênfase à relação vital que o pregador deve ter com a mensagem que prega, quando diz:

“A relação entre o pregador e a sua mensagem não é mecânica, mas vital. Uma relação mecânica poderia ser ilustrada pela obra do telegrafista. Não importa se o carácter moral deste é bom ou mau.

Desde que utilize com exatidão a chave do seu aparelho, a mensagem será transmitida com total fidelidade. Não é assim com o pregador. Está pessoalmente relacionado com a mensagem. Todo o seu ser está implicado no sermão.”⁸

4. O poder

O pregador não pode descansar na sua força, sabedoria ou habilidade, pois vai em direção ao fracasso se o faz. Para partilhar as coisas de Deus, só o poder de Deus pode habilitar a fragilidade e a incapacidade humanas. O Espírito Santo capacita o pregador leigo para realizar um trabalho adequado e frutífero.

O segredo do êxito está na união do poder divino com o esforço humano. Aqueles que levam a efeito os maiores resultados são os que mais implicitamente confiam no Braço todo-poderoso”⁹

“A operação interior do Espírito Santo, eis nossa grande necessidade. O Espírito é todo divino em sua ação e demonstração; então trabalhareis com um poder de que antes nunca vos sentistes conscientes. O amor, a fé e a esperança estarão sempre presentes. Podeis sair com fé, crendo que o Espírito Santo vos acompanha.”¹⁰

Paulo, um poderoso pregador revelou que o segredo do seu poder descansava no poder de Deus.¹¹

5. O propósito

Um dos grandes propósitos da pregação é o de satisfazer as necessidades humanas, segundo o que Martínez diz:

“Através da pregação, o atribulado deverá receber consolo; aquele que se encontra na perplexidade, luz; o rebelde, a admoestação (sem o atacar); o penitente, promessa de perdão; o caído, perspectivas de levantamento e restauração; o fatigado, descanso e forças novas; o frustrado, esperança; o não convertido, a palavra cativadora de Cristo; o santo, a mensagem para crescer na santificação. Resumindo: o púlpito terá de ser a porta da grande despensa divina da qual se tiram as provisões necessárias para suprir as necessidades espirituais dos ouvintes”¹²

De forma bastante figurada, Ruskin declara, dando ênfase à força gerada por um bom sermão, que um sermão consiste em *“trinta minutos capazes de ressuscitar mortos”¹³*

Outro dos grandes objetivos da pregação, e porque não dizer, o mais essencial no que toca aos ouvintes, é persuadir. Segundo Jones:

“A necessidade da pregação reside no facto de que, quando Deus salva um homem através de Cristo, insiste em ter um encontro pessoal e real aqui e agora... (Pregação) não é meramente ensinar-me algo. É Deus provando-me ativamente, chamando a minha vontade, apelando à minha decisão”¹⁴

A Sagrada Escritura regista que a tarefa da igreja primitiva era esta: persuadi .¹⁵

Passemos agora a aprofundar mais para detetar com mais nitidez os propósitos gerais que sustentam e impulsionam a pregação.

II. PROPÓSITOS GERAIS DA PREGAÇÃO

A. Três grandes propósitos

Fazendo uma abordagem do ponto de vista das Sagradas Escrituras podemos encontrar três grandes propósitos que movem à pregação:¹⁶

1. *Glorificar Deus.*¹⁷
2. *Salvar os perdidos.*¹⁸
3. *Edificar os crentes.*¹⁹

Mas se analisamos à lupa os objetivos mencionados para especificar características mais precisas, tendo em conta o que se quer conseguir com a pregação, cabe aqui apresentar os seguintes propósitos gerais para a pregação que apresenta Anderson, que segue Crane nesta enumeração, embora acrescente o propósito promocional.²⁰

B. Propósitos gerais

1. **Evangelístico:** “... o de persuadir os perdidos a receber Cristo como seu Salvador pessoal.”
2. **Doutrinal:** “... o de instruir os crentes, fazendo-os ver o significado das grandes verdades da fé cristã.”
3. **Devocional:** intensifica e aprofunda nos crentes “o sentimento de amorosa devoção para com Deus,” assim como os guia “na expressão apropriada da adoração que Ele merece”.
4. **Consagração:** “É o propósito de estimular o crente para que dedique os seus dons, o seu tempo e influência ao serviço de Deus.”
5. **Promoção:** “...tratam da experiência coletiva.” Refere-se a projetos.
6. **Moral:** Procura “ajudar o crente a ajustar a sua vida diária e as suas relações sociais aos princípios cristãos”.
7. **Animador:** “...fortalecer e animar o crente face a provas e crises da sua vida pessoal!”

C. Aspetos que se devem ter em conta

Cada vez que um pregador prepara uma mensagem deve ter em mente os seguintes aspetos:

1. *O que é que Deus quer transmitir por seu intermédio.*
2. *Quem vai receber a mensagem: crentes ou descrentes?*
3. *Dentro de que delineamentos mencionados ultimamente se deverão enquadrar, dadas as características da mensagem e as necessidades da congregação.*

Resumindo sucintamente o que foi exposto, poderíamos dizer que os propósitos gerais que motivam a pregação se concretizam em: Glorificar Deus ganhando almas para Cristo e ajudando-as a crescer em torno d’Ele, os Seus ensinamentos, a íntima comunhão e adequada adoração, a consagração ao Seu serviço, a vivência dos Seus princípios, e a confiança face às dificuldades.

Mas, além destes aspetos gerais, é necessário ter o propósito específico para cada sermão.

III. O PROPÓSITO ESPECÍFICO

Observemos alguém que está a planear as suas férias. Tem um grande propósito geral: descansar e renovar as suas forças. Mas quer fazê-lo valendo-se de outro propósito mais particular, que pode ser o de conhecer outro país. Como sabe que não terá tempo suficiente para conhecê-lo totalmente em todos os detalhes, estabelece uma meta precisa destacando os lugares de destaque que quer visitar. Por exemplo: Viajará

ao sul da República Argentina para conhecer a zona dos sete lagos em San Martín de los Andes onde se hospedará.

O pregador leigo também deve definir uma meta específica e concreta para cada sermão. Assim concentrará melhor e de maneira mais proveitosa as suas energias e o seu tempo, com melhores resultados. Crane, citando Abbot diz que “na preparação de um sermão o ministro deve determinar o seu propósito antes de formular o seu tema e de escolher o seu texto”.²¹

O propósito específico deve ser definido em primeiro lugar e depois enquadrado dentro do propósito geral correspondente. Por exemplo:

Propósito geral: Dar ânimo à congregação.

Propósito específico: Mostrar que é a oração de fé que quebra barreiras e obtém respostas de Deus. (O texto para conseguir este propósito pode ser o pedido que a mulher cananeia fez a Jesus, como está registado no Evangelho de Mateus, capítulo 15, versículo 21 ao 28).

O propósito específico deve corresponder sempre à necessidade mais preeminente da congregação.²²

O propósito ou objetivo específico de um sermão pode ser dado pelas Sagradas Escrituras, as necessidades das pessoas, e as características dos tempos.²³

Por último, gostaríamos de concluir destacando o facto de que a pregação é mais do que uma apresentação teórica ou uma informação partilhada. Tem como propósito central persuadir as almas para que façam algo, porque, tal como diz Jones:

“Um sermão não é uma leitura, um ensaio, uma dissertação teológica, uma discussão de acontecimentos sociais ou políticos mundiais, ou uma instrução em moral, mas é a aproximação de Deus Salvador das almas dos homens e mulheres.”²⁴

Héctor Pereira Suárez escreveu:

“Quando um pregador se senta à sua secretária em frente do material que reuniu para a sua pregação da semana seria bom que recordasse estas três características: o discurso terá de ser religioso, tem de ser baseado na Bíblia, e a sua finalidade única é salvar os pecadores. Dentro deste quadro deve enquadrar-se todo o seu material; o que não caiba nele não pertence ao sermão”.²⁵

Com estes pensamentos em mente, convido-o a estudar definitivamente este aspeto tão importante, que nos ajudará na tarefa cada vez mais prática que iremos realizar.

BIBLIOGRAFIA

- (1) Evans, *op. cit.*, pp. 7 e 8.
- (2) I João 1:1-3; Apocalipse 1:1.
- (3) C. Spurgeon, *Un ministerio Ideal. 2: El Pastor y su Mensaje* (Pensylvania, USA, El Estandarte de la Verdad, segunda edición, 1975), p. 4.
- (4) José M: Martínez, *Curso de Formación Teológica Evangélica*. Tomo XI-I Ministros de Jesucristo (Ministerio y Homilética) (Barcelona, Editorial Clie, 1977), v. 1, p. 104.
- (5) E. G. White, *O Grande Conflito*, 2020, p. 515, ed. P. SerVir.
- (6) E. G. White, *Evangelismo*, p. 181.
- (7) E. G. White, *Testemunhos Seletos*, v. 1, p. 530.

- (8) Anderson, *op. cit.*, p. 15.
- (9) E. G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 466, ed. P. SerVir
- (10) White, *Evangelismo*, p. 299.
- (11) 1 Coríntios 2:1-5; 1 Tessalonicenses 1:5.
- (12) Martínez, *op. cit.*, p. 113.
- (13) Roy Allan Anderson, *O Pastor-Evangelista* (São Paulo, Casa Publicadora Brasileira, 1965), p. 285.
- (14) Ilion T. Jones, *Principles and Practice of Preaching* (Nashville, New York, Abingdon Press, 1956), p. 19.
- (15) Atos 13:43; 18:4; 19:8; 26:28.
- (16) Crane, *Laicos*, p. 39.
- (17) Gálatas 1:21-24.
- (18) Atos 8:1; 11:20 e 21.
- (19) Atos 11:22-26; 14:21 e 22; 15:32, 41; 16:5.
- (20) J. Anderson, *op. cit.*, pp. 26-28.
- (21) Crane, *El Sermón Eficaz*, p. 57.
- (22) *Ibid.*, p. 73.
- (23) Faris D. Whitesell y Lloyd Perry, *Variedad en la Predicación* (Maracaibo, Venezuela, editorial Libertador, 1974), p. 3.
- (24) Jones, *op. cit.*, p. 19.
- (25) Héctor Pereyra Suárez, *Hacia la Elocuencia* (México, Impresiones Modernas, S.A.

NOTAS



LIÇÃO IV DECIDA O TEMA

Já referimos a necessidade de ter um propósito definido antes de escrever um sermão. Representaremos graficamente os propósitos gerais vistos que estão relacionados com o propósito específico, formando esta imagem:

PROPÓSITOS GERAIS

GLORIFICAR DEUS
SALVAR E EDIFICAR
EVANGELÍSTICO
CONSAGRAÇÃO
DEVOCIONAL
DOCTRINAL
PROMOÇÃO
ÂNIMO
MORAL

P E
R S
O P
P E
Ó C
S Í
I F
T I
O C
O

O esquema sugere-nos a imagem de um funil que se vai estreitando e comprimindo, até chegar ao propósito específico.

Quando chegamos a esse ponto: ter uma meta ou propósito específico, estamos em condições para escolher o tema que vamos preparar.

Passemos então a delimitar o tema.

I. O TEMA

Crane afirma que o tema é “*a matéria tratada no sermão; a ideia central do sermão; o assunto apresentado no sermão*”.¹

Tentaremos ilustrar isto, recorrendo a um exemplo dado no capítulo anterior. Lá mencionámos um sermão sugestivo que poderia ter os seguintes propósitos geral e específico:

Propósito geral: animar a congregação.

Propósito específico: Mostrar que é a oração de fé que derruba barreiras e obtém resposta de Deus.

Se tomamos como texto base Mateus 15:21-28 (o incidente da mulher cananea que pedia insistentemente a Jesus) poderíamos encontrar o seguinte tema:

Tema: O Triunfo da Oração Perseverante.

Procuraríamos então animar a congregação mostrando-lhe que a oração que persevera é a que obtém resposta de Deus.

O tema ou assunto, então, é a ideia central tratada no sermão.

Martínez diz que o tema “*deverá ser sempre uma síntese do texto bíblico sobre o qual se vai pregar*”, e que deve ser apresentado “*numa frase breve, fecunda e transparente como o cristal*”.²

No caso exemplificado, a frase que anuncia o tema é: O Triunfo da Oração Perseverante. Esta frase é, por outras palavras, o título do sermão. Convém destacar aqui que há quem torne o título mais atraente sem anunciar o tema com o propósito de atrair o interesse. Por exemplo: Como Obter uma Resposta de Deus.

Logo que o tema esteja definido, deve ser elaborada uma síntese mínima do que vai tratar o sermão. Esta síntese é a proposição.

II. PROPOSIÇÃO

O doutor Chales W. Koller declarou que “*a proposição é o sermão numa casca de noz*”.³

A proposição é uma frase gramatical completa que expressa da maneira mais concisa possível o rumo específico que a discussão vai seguir. É o sermão em embrião. É a frase-chave do sermão. A sua formulação é o trabalho mais importante na preparação do sermão.⁴

Deve incluir o que vai ser tratado no sermão. Terá de ser simples e clara, breve e atrativa. Às vezes é repetida de diversas formas, com palavras parecidas, no decorrer do sermão.⁵

Continuando com o exemplo da oração perseverante, poderíamos elaborar a seguinte proposição: O Senhor responde à oração que persevera mesmo perante aquilo que é humanamente impossível.

Isto vai-nos permitir completar o gráfico anterior para ver como se chega a partir dos propósitos gerais ao específico, na preparação de um sermão. Vejamos como fica constituído:

PROPÓSITOS GERAIS

GLORIFICAR DEUS
SALVAR E EDIFICAR
EVANGELÍSTICO
CONSAGRAÇÃO
DEVOCIONAL
DOCTRINAL
PROMOÇÃO
ÂNIMO
MORAL

P E
R S
O P
P E
Ó C
S Í
I F
T I
O C
O

TEMA

O Triunfo da Oração Perseverante

PROPOSIÇÃO

O Senhor responde à oração perseverante mesmo perante aquilo que é humanamente impossível.

III. A ESCOLHA DO TEMA

A. QUALIDADES DE UM BOM TEMA

Seguindo Crane, podemos dizer que um bom tema possui as seguintes qualidades: *É bíblico, é vital, é pertinente, e mantém uma relação legítima com as Escrituras.*⁶

1. Bíblico

Broadus afirma que uma mensagem bíblica é aquela que tem como base a correta interpretação de um texto bíblico, que toma do texto o seu tema, e que o desenvolve em harmonia com a verdade geral das Escrituras, para depois o aplicar às necessidades atuais dos ouvintes.⁷

2. Vital

O tema deve versar sobre algumas das grandes verdades da fé. Um pregador não pode perder tempo em assuntos sem importância ou temas secundários que não tenham transcendência ou importância para a vida prática do público que o irá escutar.⁸

3. Pertinente

A mensagem deve extrair do texto bíblico os valores permanentes e universais, e dar-lhes expressão aplicando-os às necessidades primárias da congregação, para que seja oportuna, atual e prática.⁹

Em relação a isto E. G. White diz:

*“Cristo só comunicava o conhecimento que podia ser utilizado. As instruções que dava ao povo, limitavam-se às próprias necessidades que tinham na vida prática.”*¹⁰

*Cristo não tratava de teorias abstratas, mas daquilo que é essencial ao desenvolvimento do caráter, daquilo que ampliará a capacidade humana para conhecer Deus e que aumentará a sua eficácia para fazer o bem. Falava aos homens das verdades que se relacionam com a orientação da vida e que se apoiam na eternidade.*¹¹

4. Relação legítima com as Escrituras

É imprescindível que o tema não se afaste da verdade bíblica ou a distorça. Para isso veremos no próximo capítulo como interpretar corretamente o texto. No entanto, vamos passar algum tempo a ver algumas maneiras de como se pode derivar um tema do texto.

B. PROCEDIMENTOS DE ESCOLHA

Um tema pode ser encontrado diretamente no texto, inferido ou retirado dele por procedimentos lógicos, ou sugerido pelo texto.¹²

1. Tema encontrado no texto

Este é o melhor caminho, o mais seguro para transitar pela vereda bíblica sem desvios. Um exemplo pode ser o seguinte:

Tema: *A lei da Colheita Espiritual.* (Encontrado em Gálatas 6:7 e 8)

2. Tema inferido por procedimentos lógicos

Podem surgir três caminhos pelos quais se podem retirar temas do texto bíblico através destes procedimentos, a saber:

a. Por dedução: Isto acontece quando se chega a uma conclusão partindo do universal para o particular. Ou seja, quando o texto apresenta um caso geral, e o pregador extrai dele um tema particular.

Por exemplo: Mateus 28:19 e 20 apresenta a grande missão evangélica dada por Jesus. Se pensássemos em como a poderíamos realizar, poderíamos deduzir os seguintes temas e proposição:

Tema: *Realizando a Grande Missão.*

Proposição: A obediência ao mandato exige oração, dinheiro e dedicação da vida.

b. Por indução: Quando o texto bíblico apresenta um caso particular e o pregador extrai dele um tema geral. Este caminho é o inverso do anterior.

Por exemplo: Lucas 19:8 mostra como Zaqueu vence vários obstáculos da sua vida espiritual. Essa verdade particular pode converter-se num tema geral como este:

Tema: *Triunfo sobre os obstáculos.*

c. Por analogia: Este caminho segue o processo pelo qual se passa do singular ou particular para o singular ou particular afim.

Por exemplo: Êxodo 12:1-13 mostra que o sangue do cordeiro pascal era o sinal que identificava e protegia os israelitas.

Ao fazer uma inferência por analogia, poderíamos elaborar a seguinte proposição para um tema:

Proposição: Tal como o sangue do cordeiro pascoal era o sinal que identificava e protegia os israelitas, o sangue de Cristo, o Cordeiro de Deus, é hoje em dia o sinal de identificação e proteção para os Seus filhos.

3. Sugerido pelo texto

Quando o texto sugere a ideia de um tema que não é ensinado por ele, nem pode ser deduzido dele.

Por exemplo: O pregador Alejandro McLaren pegou no texto de João 19:22 onde Pilatos diz: “o que escrevi, escrevi”, e achou que este texto lhe sugeria um tema que intitulou: “O Passado Irrevogável”.

Este é um caminho muito perigoso, que pode desviar quem não tiver um forte e firme conhecimento das Escrituras. Não o recomendamos ao pregador leigo.

C. Escolha de um tema

Resumindo as ideias de Jones¹³ e de W. Evans¹⁴, e combinando-as com os meus pensamentos; aconselharíamos os seguintes passos para a escolha de um tema:

1. Procure uma ideia:

Uma verdade da Escritura que você acha que deve ser compartilhada com a congregação porque a desconhece, necessita clarificá-la ou recordá-la, ou responde a uma necessidade premente.

2. Estabeleça com precisão a verdade exata que ela contém.

3. Escreva numa frase clara o propósito do sermão tentando dar-lhe corpo à ideia.

4. Procure a passagem da Bíblia mais adequada à sua capacidade e ao alcance da sua congregação, na qual possa basear o seu sermão.

5. Investigue o tema a fundo para conhecer todas as suas implicações e escolher os aspectos relevantes que deseja destacar.

6. Escreva o título do sermão e a proposição, de acordo com o que foi estudado até aqui.

7. Tenha o cuidado de ter o tema de acordo com a sua experiência cristã e que o entusiasme.

8. Tente harmonizá-lo com a ocasião, o lugar e a época do ano.

Você está em condições para escolher o tema, começar a elaborar uma proposição e situar o texto bíblico. Comece por fazê-lo de acordo com as suas possibilidades, e escreva o tema que escolher.

No próximo capítulo veremos como situar o texto bíblico e interpretá-lo. Em frente, meu querido pregador!

BIBLIOGRAFIA

- (1) Crane, *El Sermón Eficaz*, p. 95.
- (2) Martínez, *op. cit.*, p. 168.
- (3) Ríos, *op. cit.*, pp. 49 e 50.
- (4) Crane, *op. cit.*, pp. 95 e 96.
- (5) Broadus, *op. cit.*, p. 174.
- (6) *Ibid.*, pp. 97-103.
- (7) *Ibid.*, p. 78.
- (8) *Ibid.*, pp. 97 e 98.
- (9) *Ibid.*, p. 98.
- (10) E. G. White, *Conselhos sobre Educação*, p. 240.
- (11) E. G. White, *Parábolas de Jesus*, 2018, p. 11, ed. P. SerVir.
- (12) Crane, *op. cit.*, pp. 99-103.
- (13) Jones, *op. cit.*, pp. 69-73.
- (14) Evans, *op. cit.*, pp. 46-52.

NOTAS



LIÇÃO V INTERPRETE-O

Já falámos dos propósitos gerais da pregação e do propósito específico. Esclarecemos o que são a proposição e o tema. Além disso estudámos as qualidades deste último e a maneira de o escolher.

Logo que estes aspetos estejam esboçados, quando a meta específica a alcançar foi definida, chegamos ao momento de escolher o texto bíblico e interpretá-lo corretamente. Tendo completado este passo, poderemos avançar na preparação do sermão.

Gostaríamos agora de nos dedicarmos a determinar em que consiste o texto e quais são algumas das facetas que contribuirão para um uso adequado do mesmo e da sua correta interpretação.

I. O TEXTO

Em relação ao que é o texto de um sermão, Anderson cita vários autores mencionando que o texto é “aquele parágrafo, versículo ou porção de um versículo sobre o qual se baseia o sermão” (Campbell Morgan). Citando Broadus que afirma que o texto é “a trama de um discurso”. Finalmente partilha o pensamento de Crane, que afirma que o texto é “uma passagem das Escrituras, quer seja curta ou extensa, a partir da qual o pregador extrai o seu tema”, é “a raiz do tema”.¹

Dito por outras palavras, o texto é a fonte que providencia o material do qual o pregador irá extrair a sua mensagem bíblica. É o pão que, ao ser servido em fatias à congregação, irá satisfazer o seu apetite espiritual.

A. Qualidades de um bom texto

Existem algumas qualidades que são requeridas num bom texto:

1. O texto deve ser uma unidade completa de pensamento. Pode ser uma oração gramatical completa, um parágrafo, um conjunto de parágrafos interligados; mas nunca um pensamento fragmentado ou incompleto.²

2. Deve ser apropriado. Ou seja, adequado aos ouvintes e às suas necessidades, à ocasião, e aos objetivos do pregador. Assim poderá ser constituída a base do sermão.³

3. Terá de ser uma passagem das Escrituras autêntica, traduzida corretamente, cujo significado natural possa ser constituído no tema do sermão.⁴

4. Deve ser suficientemente abreviado para que possa ser agudo e penetrante; mas ao mesmo tempo deve ter força expansiva.⁵

B. A escolha do texto

São muitos os benefícios da boa escolha de um texto proporcionados à tarefa do pregador leigo. Enunciaremos os mesmos a seguir, unindo as ideias de Crane,⁶ Rios,⁷ Anderson,⁹ Evans,⁸ na seguinte enumeração:

1. Proporciona ao pregador a autoridade que emana da Palavra de Deus, fazendo dele um mensageiro de Deus e não um porta-voz de opiniões humanas.

2. Dá confiança ao pregador para proclamar a mensagem e à congregação para a receber, ao oferecer a certeza da sua origem divina.

3. Atrai o interesse e a atenção da congregação, que se predispõe a ouvir o que o Senhor tem para ela.

4. Proporciona ao pregador uma linha clara de pensamento que o orienta na linha definida, facilitando-lhe a preparação do tema e evitando-lhe o risco de divagar. Por exemplo: se escolhermos I Tessalonicenses 5:17 onde diz “orai sem cessar”, dificilmente encontraremos lugar para falar do estado dos mortos, do milénio ou da profecia das 2300 tardes e manhãs.

5. Ajuda os ouvintes a captar o ponto central do tema e a recordá-lo mais tarde.

6. Evita que o pregador esgote as suas reservas de ideias e favorece o seu enriquecimento ao preparar cada tema. A leitura diária das Sagradas Escrituras proporciona constantemente novos textos e novas ideias para as mensagens a partilhar.

7. Isto permite que o pregador leigo possa oferecer variedade à sua congregação, evitando assim o risco de ser monotemático.

8. Mantém-se dentro dos ensinamentos bíblicos e evita a introdução de filosofias humanas que distorçam ou turvem a mensagem bíblica clara.

9. Estimula o amor e o interesse pelo estudo da Bíblia.

10. Contribui para o crescimento em graça e conhecimento do Senhor providenciado pela Palavra de Deus.

11. Apoia o pregador com a promessa de que a Palavra do Senhor não se tornará vazia, mas que cumprirá com o propósito pelo qual foi pregado.¹⁰

C. Sugestões para a escolha

É aconselhável que o pregador leigo considere os seguintes aspetos ao escolher um texto.¹¹

1. Escolha um texto que se apodere do seu próprio coração. O texto deve atrair, entusiasmar, prender, para que o pregador leigo seja levado a aprofundá-lo. Só assim poderá sair do seu interior disposto a partilhar as riquezas que encontrou nas suas profundezas.

2. O texto deve satisfazer a necessidade específica mais premente da congregação.

3. Deve ser escolhido tendo em conta as mensagens que foram pregadas recentemente, para não cair na repetição e no monotematismo. A congregação deve ser alimentada de forma equilibrada e integral. Isto requer variedade de temas que enriqueçam os diversos aspetos da vida.

4. O texto deve ser claro no seu sentido, para que a luz da sua verdade emane diáfana e naturalmente, iluminando as consciências dos ouvintes.

5. Deve reforçar os aspetos positivos da religião cristã, para que deixe um sedimento que contribua para o crescimento individual (mesmo quando sejam tratados temas que indiquem aspetos negativos que devem ser superados).

6. Os textos que apelam à imaginação, que produzem imagens interiores, que podem ser vistos pela mente, e que estimulam o pensamento são os melhores.

7. É muito aconselhável limitar-se a apenas um texto como base para cada sermão.

III. INTERPRETAÇÃO

Nesta fase da exposição, é imprescindível adverti-lo acerca da necessidade imperiosa de interpretar corretamente o texto bíblico.

O pregador leigo deve certificar-se de que “usa bem a Palavra da Verdade”,¹² dado que “interpretar o texto de acordo com o seu significado é um dos mais sagrados deveres do pregador”.¹³

A seguir vamos esboçar alguns dos pensamentos centrais que foram enunciados pelo doutor Gerhard Hasel acerca deste assunto.¹⁴ Os aspetos que vamos considerar serão: objetivos da interpretação bíblica, razões para a auto-interpretação bíblica, e a relação de E. G. White com a Bíblia.

A. Objetivos da interpretação bíblica

Podem ser enunciados três objetivos que estão na base da interpretação bíblica:

1. Determinar o que o escritor compreendeu e o que quis comunicar aos seus ouvintes.
2. Compreender o significado mais alargado e profundo que o texto oferece.
3. Traduzir esse significado para a linguagem atual e transmiti-lo ao homem moderno.

B. Razões para a auto-interpretação bíblica

Entendemos por auto-interpretação bíblica o mecanismo interno que a Sagrada Escritura possui e que lhe permite ser o seu próprio intérprete.

Existem várias razões que fundamentam o princípio da auto-interpretação bíblica. Elas são:

1. *A singularidade da Bíblia*

A Bíblia não é um livro comum. É inspirado por Deus através do seu Espírito Santo.¹⁵ Portanto requer um tratamento singular e diferente que descarta a interpretação privada e externa à Bíblia.¹⁶

2. *A autoridade da Bíblia*

As Sagradas Escrituras não têm o selo da autoridade humana, mas sim o da autoridade divina; o “assim diz Jeová” do Antigo Testamento que foi aceite por Jesus e complementado pelos Seus ensinamentos que integraram assim os dois testamentos, o Novo com o Antigo.

3. A unidade da Bíblia

Mesmo tendo sido transmitida por diversos homens, a verdade divina do Antigo e do Novo Testamentos, manifestam uma unidade que só é possível porque procede de uma única e mesma fonte que inspirou esses homens. Portanto, deve rastrear-se o conteúdo da Palavra de Deus para captar e extrair a sua mensagem total.

Jesus utilizou este princípio de auto-interpretação bíblica.

Quando os discípulos estavam a experimentar o desânimo e a frustração devido à sua incompreensão em relação à obra do Messias, Jesus mostrou-lhes o que “todas as Escrituras” diziam acerca dele.¹⁷

Tal como diz Ellen G. White: “As Santas Escrituras devem ser aceites como a autoridade da infalível revelação da Sua vontade”.¹⁸

O pregador leigo deve-se lembrar de que pertence a “um povo que manterá a Bíblia, e a Bíblia só, como a norma de todas as doutrinas e a base de todas as reformas”.¹⁹

Por isso “devemos dia após dia estudar a Bíblia, diligentemente, ponderando cada pensamento e comparando passagem com passagem”.²⁰

Em resumo, a Bíblia “explica-se por si mesma”²¹ é o “seu próprio intérprete”²¹ “É uma cadeia perfeita, prendendo-se uma à outra, explicando-se mutuamente”.²³

“O Antigo Testamento projeta luz sobre o Novo, e o Novo sobre o Antigo”.²⁴

*“O propósito final de toda a interpretação bíblica, não é só compreender as partes isoladas das Escrituras, quer sejam palavras, frases, cláusulas, orações, unidades, livros ou blocos inteiros de escritos com as suas inter-relações, mas também entender a vontade e os propósitos de Deus na Bíblia como um todo”.*²⁵

A Bíblia, então, possui em si mesma, os elementos que lhe permitem ser o seu próprio intérprete.

Cabe aqui fazer a pergunta: “Que função cumprem então os escritos de Ellen G. White em relação às Sagradas Escrituras?”

C. Ellen G. White e a Bíblia

Em primeiro lugar, deveríamos recordar que, de acordo com a Bíblia, o dom profético permaneceria em vigor até ao fim do tempo.²⁶

Em seguida, reafirmamos a nossa convicção de que os escritos de E. G. White suportaram a prova bíblica que mede os verdadeiros profetas de Deus e desmascara os falsos, e saíram imaculados.

Poderemos assim compreender melhor que E.G. White foi também inspirada pelo Espírito Santo, mas que a sua função é subordinada à Bíblia; e que os seus escritos cumprem o propósito de:

1. Exaltar as Escrituras.²⁷
2. Atrair as mentes a elas.²⁸
3. Ajudar a uma compreensão mais clara.²⁹
4. Chamar a atenção para as verdades descuidadas nelas.³⁰
5. Impressionar as verdades já reveladas.³¹

6. Despertar e impressionar as mentes.³²
7. Conduzir as pessoas de novo para a Bíblia.³³
8. Chamar a atenção para os princípios da Bíblia.³⁴
9. Aplicá-los na vida prática.³⁵
10. Não ocupam o lugar da Bíblia nem são uma adição a ela.³⁶

O doutor Hasel lembra-nos que “o cuidadoso exegeta consultará constantemente o seu comentário inspirado sobre as Escrituras”.³⁷

CONCLUSÃO

Muito bem, meu apreciado pregador leigo. Agora você encontra-se num momento emocionante do curso. Tem o seu tema escolhido, assim como o propósito específico e a proposição. Agora deverá estudar bem este capítulo, e depois aconselhamo-lo a dar os seguintes passos:

1. Ore muito buscando a direção do Espírito Santo.
2. Procure o texto que apoie de maneira mais ampla o seu tema e o objetivo que deseja atingir.
3. Leia o texto na melhor tradução que tenha. Faça-o várias vezes.
4. Leia-o várias vezes noutras versões.
5. Leia o contexto imediato e as passagens paralelas ao mesmo.
6. Pense, medite e ore sem cessar sobre o texto.
7. Escreva o significado do texto nas suas próprias palavras.
8. Recorra ao comentário inspirado de E. G. White em relação a ele.
9. Recorra a outros livros ao seu alcance que possam ajudá-lo a entender melhor o significado do texto: dicionários, comentários, léxicos, etc..
10. Encha a sua mente com a mensagem que o texto lhe proporciona, com maior detalhe possível.
11. Faça esta tarefa de acordo com as suas possibilidades.

Se sente que neste momento o curso começa a tornar-se uma escalada penosa. Se lhe parece que está a tornar-se difícil para si realizar isto. Se está com vontade de ficar sentado à beira do caminho e suspender a marcha. Se algo disto lhe está a acontecer, lembre-se de que o Senhor está ao seu lado para o orientar e levá-lo pela mão. Busque e aceite a Sua direção. Avance até ao cume. O êxito neste sentido está ao seu alcance. Deus o abençoe.

BIBLIOGRAFIA

- (1) J. Anderson, *op. cit.*, p. 35.
- (2) Crane, *El Sermón Eficaz*, pp. 79 e 80.

- (3) Whitesell, *op. cit.*, p. 29.
- (4) Jones, *op. cit.*, pp. 76-78.
- (5) Henry C. Davis, *Design for Preaching* (Filadelfia, Fortress, Press, 11^a edição, 1977), p. 43.
- (6) Crane, *op. cit.*, pp. 80-83.
- (7) Ríos, *op. cit.*, pp. 29 e 30.
- (8) Evans, *op. cit.*, pp. 17-19.
- (9) J. Anderson, *op. cit.*, pp. 35 e 36.
- (10) Isaías 55:10 e 11.
- (11) Crane, *op. cit.*, pp. 84-87.
- (12) II Timóteo 2:15.
- (13) Broadus, *op. cit.*, p. 31.
- (14) Gerhard F. Hasel, *Interpretación Bíblica: Principios Generales* (Universidad de Andrews, Asamblea Bíblica Sudamericana, CAP, 1979), pp. 2-8.
- (15) II Timóteo 3:16; II Pedro 1:21.
- (16) II Pedro 1:20.
- (17) Lucas 24:27.
- (18) White, *O Grande Conflito*, 2020, p. 8, ed. P. SerVir.
- (19) *Ibid.*, 2020, p. 513, ed. P. SerVir.
- (20) *Ibid.*, 2020, p. 515, ed. P. SerVir.
- (21) E. G. White, *Educação*, 2021, p. 161, ed. P. SerVir.
- (22) E. G. White, *O Grande Conflito*, 2020, p. 149, ed. P. SerVir.
- (23) E. G. White, *Primeiros Escritos*, p. 221.
- (24) E. G. White, *Parábolas de Jesus*, 2018, p. 82, ed. P. SerVir.
- (25) Hazel, *op. cit.*, p. 24.
- (26) Efésios 4:11-13; Apocalipse 12:17; 19:10.
- (27) E. G. White, *Testimonies for the Church* (Mountain View, California, Pacific Press Publishing Association, 1958, 9 vs.) v. 5, p. 665.
- (28) *Ibid.*, v. 4, p. 246.
- (29) *Ibid.*, v. 5, p. 663.
- (30) *Ibid.*.
- (31) *Ibid.* p. 665.
- (32) *Ibid.*.
- (33) *Ibid.*, v. 2, p. 455.
- (34) *Ibid.*, p. 687; v. 5, p. 660.
- (35) *Ibid.*, v. 2, p. 608; v. 5, p. 667.
- (36) *Ibid.*, v. 5, p. 663.
- (37) Hazel, *op. cit.*, p. 6.



LIÇÃO VI

DECIDA COMO ORGANIZÁ-LO

Consegue imaginar um exército a combater totalmente desorganizado e sem orientação? Cada soldado deslocando-se de acordo com a sua visão, iniciativa e impulso. Desligado-se um do outro. Movimentando os materiais bélicos à sorte, de acordo com aquilo que as circunstâncias impulsionem.

Broadus diz que a organização do sermão é como um exército organizado e disciplinado.¹ Se nos apropriamos desta imagem, podemos dizer que a forma como se organiza ou prepara o sermão será favorável para que este possa ser um organismo vivo, consistente. Um corpo que avance de forma contínua para a conquista da meta. Um exército que se desloque em ordem, unidade e harmonia, dando atenção a cada uma das partes integrantes a fim de alcançar o objetivo proposto.

Existem várias maneiras de organizar ou preparar um sermão. Enumeraremos apenas algumas de interesse para o pregador leigo. Se classificamos os sermões segundo a sua organização ou arranjo, podemos mencionar os seguintes tipos:

- 1. Sermões temáticos ou de assunto.**
- 2. Sermões biográficos.**
- 3. Sermões textuais.**
- 4. Sermões expositivos.**

Vamos agora analisar cada um destes tipos de sermões. Assim poderemos conhecê-los, estabelecer as diferenças entre eles, e estar em condições para os utilizar melhor.

I. O SERMÃO BIOGRÁFICO

O sermão biográfico é aquele que tem a sua origem nos factos vinculados com alguma personagem das Sagradas Escrituras. Ressalta todos os aspetos do personagem bíblico que proveem lições vinculadas com as realidades e os problemas dos membros de uma igreja da atualidade.²

O apóstolo Paulo, escrevendo aos Coríntios, sugere que o que foi vivido pelo povo de Deus no passado é um exemplo para nos advertir.³ E Ellen G. White acrescenta que “Como educadora, nenhuma parte da Bíblia é de maior valor do que as suas biografias ... que são absolutamente fiéis na descrição da vida”.⁴

Pode destacar um episódio da vida de um herói público e aplicar as lições ao homem ou mulher modernos. Pode destacar um aspeto doutrinal que se realça (o perdão dos pecados de David, por exemplo). Também pode destacar alguma qualidade da conduta

pessoal, como a fidelidade devocional de Daniel. Além disso podem-se elaborar mensagens estimulantes para os jovens que necessitam de modelos para imitar (a firmeza de José perante a tentação imoral).⁵

Martínez acrescenta que os sermões sobre um personagem bíblico podem destacar os traços mais proeminentes (positivos ou negativos), as experiências mais importantes, a influência exercida, as referências no Antigo Testamento e no Novo Testamento, o seu significado na história da salvação, e as lições práticas que se podem tirar.⁶

E que melhor personagem para ser analisado ao microscópio do que o modelo por excelência, o nosso Senhor Jesus Cristo?

Para elaborar um sermão biográfico, deve-se então selecionar um personagem bíblico, depois utilizar alguns factos concernentes a ele como base, e dar ênfase a uma só verdade importante ou a algum grande dever que sobressai.⁷

Vejamus um modelo que Martínez nos oferece:⁸

Personagem: Loth

Textos: Génesis 13:1-18; 19:15-29; II Pedro 2:7

Tema: *O Drama de uma Fé Débil.*

Introdução: Se Abraão mereceu o título de pai dos crentes, Loth merece ser o pai dos crentes fracos. As suas experiências são um aviso solene ao qual os crentes de todos os tempos devem prestar atenção.

I. O seu caráter (II Pedro 2:7)

1. Justo.
2. Sensível. Afligia-se perante a impiedade.
3. Ambicioso pelos bens materiais.

II. A sua conduta

1. Orientou a sua vida para Sodoma (Génesis 13:11 e 12).
2. Estabeleceu a sua casa em Sodoma (Génesis 14:12).
3. Aceitou um lugar proeminente na sociedade de Sodoma (Génesis 19:1).
4. Desperdiçou a oportunidade de dar uma nova orientação à sua vida (Génesis 14).

III. A sua colheita (Génesis 19:15-29)

1. Perdeu o seu testemunho (vers. 9, 14).
2. Perdeu o seu património material.
3. Só salvou a sua vida.

CONCLUSÃO

As nossas decisões dependem do nosso caráter. O curso da nossa vida depende das nossas decisões. Só uma fé viva nos poderá manter perto de Deus, o Único que pode modelar o nosso caráter, orientar as nossas decisões e encher a nossa vida de significado e utilidade. Rendamo-nos totalmente a Ele!

II. O SERMÃO TEMÁTICO

Este tipo de sermão tem origem num tema. Trata de um tema específico, geralmente de carácter doutrinal ou moral. As divisões do mesmo derivam do tema em si, independentemente do texto bíblico.⁹

Segundo Evans, o sermão temático caracteriza-se por compilar várias passagens das Sagradas Escrituras, comparando-as umas com as outras durante o seu desenvolvimento. É mais simples e fácil. Oferece várias vantagens ao pregador, já que o impede de divagar e de se afastar muito da Bíblia. Também evita o risco de opiniões parciais e extremistas das verdades das Sagradas Escrituras. Permite que a congregação receba instrução contínua das verdades divinas.¹⁰

Podemos ilustrar este tipo de sermão com a adaptação de um modelo apresentado por Hawkins.¹¹

Tema: *Poder Espiritual*

I. O que é o poder espiritual

1. Negativamente
 - a) Não é magnetismo pessoal.
 - b) Nem eloquência.
 - c) Nem conhecimento.
2. Positivamente
 - a) É poder que está presente em nós e resulta do recebimento do Espírito de Deus.

II. Porquê é necessário termos esse poder espiritual

1. Com ele evitamos muitos fracassos.
 - a) Falta de vitória sobre o pecado.
 - b) Falta de testemunho eficaz por Cristo.
 - c) Falta de influência a favor da causa de Cristo.
2. Sem este poder não podemos fazer nada que espiritualmente valha a pena.
 - a) Na nossa experiência como crentes.
 - b) Na nossa atividade como cristãos.

III. Como se pode conseguir o poder espiritual

1. Desejá-lo verdadeiramente.
2. Manter-nos livres do pecado pelo arrependimento.
3. Entronizar Cristo na nossa vida.
4. Obedecer as indicações do Espírito.

IV. Quais serão os resultados de ter poder espiritual

1. Vitória sobre o pecado.
2. Coragem para testemunhar de Cristo.
3. Trabalho eficaz.

4. Vida cristã que se desenvolve.
5. Recompensa pelo serviço fiel no fim.

A seguir, abordaremos um tipo de sermão que oferece mais dificuldades, mas que é muito conveniente considerar.

III. O SERMÃO TEXTUAL

A. Estrutura do sermão textual

Neste caso, ao contrário do sermão temático, as divisões são tomadas do texto. Podem ser discutidos um ou vários assuntos, e podem-se expressar as divisões nas próprias palavras do texto ou em termos diferentes aos da passagem bíblica.¹²

Utiliza-se um texto curto como texto base, e inserem-se todas as suas frases como partes essenciais do sermão.

Blackwood diz que o sermão textual é “aquele cuja estrutura segue a ordem das ideias contidas no texto”.¹³

Vejamos o exemplo que Hawkins nos oferece:¹⁴

Texto: Romanos 5:8

Tema: *Cristo morreu por nós*

I. “Cristo”

1. Era um homem bom em todos os sentidos.
2. Era ao mesmo tempo Deus.

II. “Morreu”

1. Como mártir.
2. Como um sacrifício voluntário.

III. “Por”

1. No nosso lugar.

IV. “Nós”

1. Por toda a raça.
2. Particularmente por mim.

Crane permite-nos avançar agora um pouco mais no pensamento, quando descreve diversos desenvolvimentos de sermões textuais, como pode ser:¹⁵

B. Textual analítico

Refere-se ao tipo de sermão no qual a ideia central do texto é o tema tratado no sermão, e cujas divisões seguem a ordem do texto. Por exemplo: Mateus 22:29 – As Causas do Erro Religioso.

A Falta de Conhecimento das Escrituras.

A Falta de Experiência Pessoal do Poder de Deus.

C. Textual sintético

Quando muda a ordem das partes no texto e a parte principal é igual à ideia central da passagem bíblica, ou quando uma das suas partes é elevada e deixa as restantes subordinadas a ela; ou quando é inferido do texto por procedimentos lógicos. A síntese pode ser elementar ou avançada. Vejamos dois exemplos:

1. *Síntese elementar*

O tema é igual à ideia central. A ordem das partes é alterada nas divisões do sermão: Jeremias 31:31-34 – As bênçãos superiores do novo pacto.

- I. O novo pacto **abençoa-nos** com um conhecimento pessoal de Deus.
- II. O novo pacto abençoa-nos com um verdadeiro **perdão** de todos os nossos pecados.
- III. O novo pacto abençoa-nos com uma **santidade** efetiva na nossa vida diária. (No texto, a ordem é: santidade, conhecimento, perdão).

2. *Síntese avançada*

Muda de tema. Eleva uma ideia secundária à categoria de tema ou interfere com o tema do texto por procedimentos lógicos. Por exemplo:

Texto: Lucas 15:11-24. Quando o homem volta a si mesmo.

I. ... compreende que o mundo dececiona-o sempre.

1. As suas riquezas são passageiras.
2. As suas amizades são falsas.
3. Os seus prazeres são vazios.
4. A sua liberdade engana.

II. ... compreende que só Deus o satisfaz.

1. Na Sua disciplina há sabedoria.
2. No Seu cuidado há suficiência.
3. No seu amor há perdão.

III. ... compreende que o seu destino está nas suas próprias mãos.

1. Ele é o único culpado da sua ruína.
2. Deve arrepender-se e voltar para Deus.

Vamos concluir este esboço sobre o sermão textual dizendo que é mais complicado para o pregador voluntário. Mas pode ser interessante enveredar nele através da pregação de passagens simples.

3. *Alguns exemplos*

Para estimular o pensamento, vamos mencionar alguns exemplos simples extraídos de Martínez.¹⁶

Miqueias 6:8 – O que Deus pede ao homem.

- I. Fazer justiça.
- II. Amar misericórdia.
- III. Humilhar-se perante Deus.

II Timóteo 4:1-5 – O Discipulado Cristão

- I. A sua inspiração divina.
- II. A sua utilidade.
- III. A sua finalidade.

Mateus 16: 24 e 25 – O Discipulado Cristão.

- I. A voluntariedade do discipulado (se algum quiser).
- II. Os requisitos do discipulado.
 1. Negar-se a si mesmo.
 2. Levar a sua cruz.
 3. Seguir Jesus.

III. A razão do discipulado (versículos 25 e 26).

Finalmente, estudaremos um dos tipos de sermões que requer maior esforço e capacidade, mas que se encontra no topo das possibilidades de um pregador.

IV. O SERMÃO EXPOSITIVO

Neste tipo de sermão, o pregador dedica-se à exposição do texto bíblico que escolheu. Tem uma maior amplitude do que o textual,¹⁷ pois aprofunda e amplia mais a passagem.

Blackwood afirma que o sermão expositivo “é o desenvolvimento da verdade contida numa passagem cuja extensão abarca mais de dois ou três versículos consecutivos”.¹⁸

Palau apresenta, entre outras, as seguintes qualidades do sermão expositivo: “Dá sentido de autoridade. Toca assuntos delicados sem ofender. Dá continuidade e sai da rotina monótona e repetitiva. Alimenta, anuncia todo o conselho de Deus. Exorta por si só. Livra do problema de não saber de quê pregar. Cativa, encanta e fascina. Possibilita uma constante renovação espiritual. Fixa a atenção no próprio texto da Bíblia. Produz conversões sólidas. Obriga-nos a crescer”.¹⁹

Depois acrescenta que “o sermão expositivo não é um estudo bíblico, um sermão temático, um estudo doutrinal, um sermão textual, ou uma mensagem de evangelização no sentido estrito da palavra. Tampouco é um comentário corrido do texto bíblico. Nem é idear um esquema dentro da passagem”.

Muito pelo contrário, é...

“Declarar, interpretar, explicar o sentido genuíno de uma palavra, texto ou doutrina que é difícil de entender. Apresenta uma coisa para que seja vista, exposta...”

... caminhar dentro da passagem, junto com os personagens que protagonizaram a cena, o incidente, ou que fizeram história com os seus feitos e ações.

... descobrir o universo de conceitos, de emoções, imagens e realidades que a passagem encerra.

... como um cofre. Temos de encontrar a chave, extrair o conteúdo do cofre divino e expor as joias ao olhar do público.

... uma explicação; trata do ponto central da passagem, do primordial, do básico. Não do superficial nem dos detalhes excessivos.

... também uma proclamação; portanto, é apresentado como a autoridade e o vigor dignos do Deus de quem provém.

... uma exposição do povo à Palavra de Deus para que se sintam despidos perante ela, e é também uma exposição da Palavra de Deus perante o povo para que vejam o Deus vivo por ela e nela”.²⁰

Vamos ver agora um modelo de sermão expositivo baseado num capítulo.

Texto: I Tessalonicenses 1

Tema: Uma igreja exemplar.

Introdução: Alusão breve à fundação da igreja em Tessalónica. Também se pode falar da grande importância da igreja local.

I. As características essenciais da igreja (vers. 3).

Uma síntese do cristianismo prático:

1. A obra da fé.
2. O trabalho do amor.
3. A constância da esperança.

II. A origem da igreja (vers. 4).

Não radica na iniciativa humana, mas no propósito eterno de Deus.

III. A sua formação (vers. 5 e 6)

1. Através da pregação (“com palavras”) do evangelho.
2. Com poder: o poder sobrenatural de Deus.
3. Pela ação do Espírito.
4. Em plena certeza. A pregação apostólica possuía a força de uma convicção sólida.

(“Recebendo a palavra”) os tessalonicenses responderam a esta pregação poderosa.

IV. O seu testemunho (vers. 7, 8, 9 e 10).

Exemplo em toda a Macedónia e Acaia. Foi, então, um testemunho de ampla influência.

Foi um testemunho de conversão admirável.

- a) Convertido aos ídolos.
- b) A Deus.
 - para o servir.
 - para esperar o Seu Filho Jesus Cristo.

Conclusão: A nossa igreja local é parecida com a de Tessalónica?

Exortação a uma renovação da fé, da esperança e do amor e a um testemunho eficaz.²¹

Este tipo de sermão é mais complicado e requer uma maior preparação para o preparar bem. Pode ser um osso duro de roer para um pregador voluntário. É um desafio. Você saberá o que fazer com ele.

Aqui vão alguns conselhos para a sua preparação:

1. Ler o texto repetidamente em boas versões.
2. Tomar nota das palavras mais repetidas e destacadas.

3. Aprofundar o significado das palavras.
4. Comparar o uso e o significado dos termos nos outros textos bíblicos.
5. Destacar as ideias e as aplicações mais importantes.
6. Pode começar a fixar o tema.
7. Escolha as ideias principais associadas com o tema e faça um esquema com pontos e subdivisões.
8. Introduza em cada ponto o material bíblico que caiba e seja compatível.
9. Apoiar cada ponto e subdivisão no texto.
10. Completar os pontos (se for conveniente) com passagens bíblicas paralelas.²²

Agora que você já tem uma ideia elementar em relação às diferentes formas de organizar um sermão (ou prepará-lo), revise o tema escolhido, o seu propósito e o seu texto. Veja em que forma o vai preparar, que tipo de vestido lhe vai pôr, e prepare-se para fazer um esquema.

Lembre-se de que o sermão é um serviço de porcelana fina que você quer oferecer a um ser querido.

Você não vai levar as peças amontoadas numa verdadeira desordem em qualquer embalagem onde se possam estragar, partir ou destruir. Vai com certeza tratar de o preparar de maneira a que cada peça chegue intacta com toda a sua beleza. Vai ordená-las bem numa embalagem primorosamente preparada para o efeito.

A tarefa continua. Concentre todas as suas energias e avance. O Senhor está a acompanhá-lo! Se você O aceita, encontrará a Sua ajuda para realizar a tarefa.

BIBLIOGRAFIA

- (1) Broadus, *op. cit.*, pp. 159.
- (2) Andrés W. Blackwood, *La Preparación de Sermones Bíblicos* (El Paso, Texas, Casa Bautista de Publicaciones, (sem data), p. 57.
- (3) I Coríntios 10:11.
- (4) E. G. White, *Educação*, 2021, p. 123, ed. P. SerVir.
- (5) Blackwood, *op. cit.*, pp. 57-77.
- (6) Martínez, *op. cit.*, p. 192.
- (7) Blackwood, *op. cit.*, p. 39.
- (8) Martínez, *op. cit.*, pp. 193 e 194.
- (9) Broadus, *op. cit.*, p. 187.
- (10) Evans, *op. cit.*, pp. 120-122.
- (11) Hawkins, *op. cit.*, pp. 49-51.
- (12) Broadus, *op. cit.*, p. 187.
- (13) Blackwood, *op. cit.*, p. 38 e 39.
- (14) Hawkins, *op. cit.*, p. 52.
- (15) Crane, *El Sermón Eficaz*, pp. 107-110.



LIÇÃO VII

FAÇA UM ESQUEMA

Quando preparamos um sermão, a expressão de Paulo “faça-se tudo decentemente e com ordem”¹ ganha força. O sermão necessita de uma boa estrutura. É como um edifício, tal como diz Crane.

*Há a necessidade de um alicerce estrutural sólido e bom, cujas partes constituintes estejam corretamente unidas entre si. O pregador bíblico deseja que a sua mensagem seja ouvida, seguida com interesse e recordada. Se a estrutura homilética da sua mensagem é boa, já ganhou metade da batalha.*²

I. O ESQUEMA

O esquema é o alicerce estrutural que sustém e integra as diferentes partes do sermão. Ele simplifica o caminho para organizar e ordenar as sequências do sermão. Ajuda o pregador a desenvolver o pensamento e a manter-se no caminho, a respeitar a justa proporção de cada uma das suas partes, e garantir o desenrolar do sermão.

Ajuda o ouvinte a entender o que o pregador diz e para onde se dirige. Protege-o contra a incompreensão, provê o ritmo emocional necessário, e ajuda-o a recordar o que foi dito.³

A. Qualidades de um bom esquema

Um bom esquema (e como resultado todo o sermão) terá de reunir as seguintes características essenciais:⁴

1. *Unidade*

Deve ter apenas um tema. Os temas plurais ou gerais atentam contra a unidade. E se o tema é muito amplo, convém concentrar-se no aspeto de maior interesse que o assunto nos oferece e queremos apresentar.

2. *Ordem*

Não se devem misturar as ideias desordenadamente. Uma deve vir após a outra, posicionadas de tal maneira que cada uma suporte as seguintes. Assim como na construção de uma casa seguem-se passos racionais: alicerces, paredes, teto (ou estrutura de betão e lousa, e depois paredes), instalação elétrica, água corrente, sanitários, portas, pintura, etc.

3. Proporção

Deve-se dar a importância adequada a cada parte para ajudar o quadro total. Assim como num edifício os espaços devem respeitar a relação das dimensões do mesmo com a sua função específica (comércio, vivenda, etc.).

4. Movimento

O pregador não deve andar às voltas, o seu tema deve ter movimento. Parte de um lugar conhecido pelas pessoas e avança firmemente para o propósito específico que quer concretizar.

5. Clímax

O tema deve ir crescendo em interesse, emoção e convicção. Avançará ininterruptamente, intensificando-se para o final. Logo que esteja cumprido o seu objetivo, terminará. Uma viagem de avião com escalas proporciona uma experiência de emoção crescente, à medida que estas se vão cumprindo. A emoção intensifica-se ao chegar ao destino. Lá vai-se concretizar o planeado.

6. Estabelecer os pontos ou ideias centrais

Cada um destes pontos corresponde a alguma das partes mais importantes do tema ou do texto bíblico.

7. Estabelecer o número de pontos principais

Cada um destes pontos corresponde a alguma das partes mais importantes do tema ou do texto bíblico.

8. Estabelecer o número de subpontos

Estes subpontos indicam as partes nas quais cada ponto principal será dividido. Podemos chamá-los subdivisões.

9. Anunciar os pontos

Embora isto se refira ao momento da pregação em si, queremos incluir aqui que alguns aconselham ir anunciando os pontos mais importantes para indicar à congregação por onde se está a avançar. Outros não o recomendam.

10. Estabelecer transições

Este ponto também corresponde ao momento em que se escreve todo o sermão ou quando ele é apresentado. No entanto, pelas características deste trabalho achamos necessário mencioná-lo aqui para que comecemos a tê-lo em conta. As transições vão ligando as ideias diferentes e principais do sermão, para evitar saltos abruptos.

Veremos a seguir as partes integrantes de um esquema, aproveitando ao mesmo tempo para indicar como elas são numeradas.

B. Partes de um esquema

O esquema de um sermão inclui os seguintes elementos, na ordem em que são expostos:

1. O título

Isto é “o nome definido que se dá ao sermão, ... que é igual à inscrição que tem a capa de um livro, de um capítulo ou de um folheto”.⁵

II. TIPOS DE ESQUEMAS

Por questões práticas deste curso, apenas mencionaremos e exemplificaremos os modelos que se destacam mais. Eles são os seguintes:⁷

1. Esquema de dois pontos

Este tipo pode ser utilizado para contrastar ou analisar duas verdades, como este exemplo revela:

Lucas 18:9-14

I. A beleza da humildade cristã.

II. O perigo da auto-satisfação

Também se pode usar para expor verdades doutrinárias. Por exemplo:

I. Exposição da verdade.

II. Aplicação da verdade.

2. Esquema de perguntas

Neste tipo de esquema, cada ponto é uma pergunta. Podemos observar o seguinte exemplo:

I. O que é isto?

II. Porquê isto?

III. De que é isto?

IV. O que estamos a fazer com isto?

Em vez de perguntas, também podem ser frases.

3. Esquema em escada

Neste caso, cada ponto é adicionado ao outro. Os exemplos que damos a seguir ilustram-no:

João 15:11 – O segredo da felicidade

I. A verdadeira felicidade está baseada na obediência à vontade de Deus.

II. A vontade de Deus é-nos dada a conhecer somente em Cristo.

III. O conhecimento de Cristo é valioso só quando é usado.

Romanos 15:29 – A triunfante suficiência de Cristo

I. Venho até si com Cristo.

II. Venho até si com o evangelho de Cristo.

III. Venho até si com a bênção do evangelho de Cristo.

IV. Venho até si com a plenitude da bênção do evangelho de Cristo.

4. Esquema de classificação

Neste tipo de esquema “os diversos pontos dividem as pessoas e as coisas em diferentes classes, ou aplicam a verdade a diferentes áreas da vida”.⁸

Salmos 92:1 – Só a mais alta ajuda pode satisfazer as nossas necessidades.

I. Na tentação

II. No pesar

III. Na dúvida

IV. No pecado

5. Esquema de série de declarações

Consiste numa série de declarações ou observações referentes à verdade que é alvo de consideração. Por exemplo:

Alcançando uma vitória completa

I. Confrontando-me

II. Considerando-me

III. Escolhendo-me

IV. Ajudando-me

V. Consagrando-me

6. Esquema de joia

Destaca o tema a partir de cada ângulo e faceta. Como:

A religião da encarnação (para entendê-la deveríamos)

I. Retroceder à criação do homem

II. Ascender à natureza de Deus.

III. Entrar na alma do homem.

7. Esquema hegeliano

Neste tipo de esquema trabalha-se com tese, antíteses e sínteses. Vejamos um exemplo:

I. O que as coisas poderiam ser

II. O que as coisas são

III. O que as coisas podem ser com a ajuda de Deus

8. Esquema de jogo de conjeturas – O que é o patriotismo cristão?

I. É uma bandeira ondulante? (Não)

II. São palavras exageradas e ruidosas? (Não)

III. É o tipo de devoção que Cristo teve quando exclamou: “Oh Jerusalém ... quantas vezes eu quis ajuntar os teus filhos ...”? (Sim)

9. Esquema de solução de problema vital

I. De onde vimos?

II. Como chegaste até aqui?

III. Onde queremos ir?

IV. Como iremos para aí?

10. Esquema expositivo tradicional

Neste tipo de esquema interpreta-se um capítulo ou uma parte das Escrituras.

Por exemplo: I Coríntios 13 – A maior coisa no mundo

I. A importância do amor – versículos 1-3

II. As características do amor – versículos 4-7

III. A permanência do amor – versículos 8-13

11. Esquema expositivo de um livro inteiro

Exemplo: Jonas

- I. O marco histórico do livro.
- II. O conteúdo do livro.
- III. A mensagem permanente do livro.

12. Esquema expositivo de caráter bíblico

Exemplo: José – A história da sua vida.

- I. A sua vida na juventude.
- II. O seu conflito com os seus irmãos.
- III. A sua subida ao poder no Egito.
- IV. A sua reconciliação com os seus irmãos.
- V. Os seus últimos dias.

Este tipo poderia também ser esboçado da maneira que exemplificaremos a seguir:

Lições da vida de José

- I. Um homem com sentido do destino.
- II. Um homem sacudido pelo infortúnio.
- III. Um homem com sentido de retidão e erro.
- IV. Um homem grande para perdoar ofensas.
- V. Um homem com fé firme na providência de Deus.

Depois da exposição de diversos esquemas, vamo-nos dedicar a expor um esquema completo sobre o tema que tínhamos começado a esboçar nos capítulos anteriores. Observemos este esquema modelo:

I. Clamor que persevera perante o silêncio

(Mat. 15:23)

1. Jesus não responde
 - a. Agiu como os judeus teriam agido
 - 1) Ignoravam as necessidades circundantes.
 - 2) Constroem barreiras inumanas de orgulho.
 - 3) Impediam as bênçãos aos gentios.
 - b. Desejava contrastar a atitude judia com a atitude que assumiria depois de lhe responder.
2. A mulher seguiu insistentemente as vozes.

II. Clamor que persevera perante algo impossível

(versículo 23)

1. Desprezo dos discípulos
 - a. Pediam que Ele a despedisse.
 - b. Pensavam que Jesus estava incomodado com ela.
 - c. Desejavam livrar-se da sua presença inoportuna.

2. Jesus especificamente enviado a Israel
 - a. Povo depositário das Escrituras e da promessa messiânica.
 - b. O tempo ainda estava destinado aos judeus.
 - c. Os discípulos eram imaturos para uma projeção aos gentios.
 - d. Jesus necessitava de destacar a grande fé da mulher para responder.
3. A mulher continua a insistir prostrada.

III. Clamor que converte o negativo em positivo

(versículos 25-27)

1. Jesus continua a agir como judeu
 - a. Não há pão para os cachorrinhos.
 - 1) Os Judeus chamavam cães aos gentios.
 - a. Cães da rua, vagabundos.
 - 2) Jesus abre as portas à fé da mulher cananeia.
 - a. Kunaria: cães domésticos, não vagabundos.
2. Mulher vê a porta aberta e insiste
 - a. Pede as migalhas que lhe correspondem.
 - b. A sua fé agarra-se à mínima possibilidade.
 - c. Converte um argumento oposto em favorável.
3. A sua fé é recompensada
 - a. Barreiras foram derrubadas.
 - b. Bênção foi obtida através da fé.
 - c. Foi dada uma ilustração para nós.
 - 1) Às vezes procuramos bênção perante obstáculos inultrapassáveis.

IV. Conclusão

1. A mulher cananeia estimula-nos a perseverar.
 - a. Com fé até obter a bênção.
 - 1) Mesmo que sintamos indignidade e limitações.
 - 2) Mesmo que pareça que não há resposta.
 - a) O Senhor pode estar a estimular a nossa fé
 - Para que se desenvolva.
 - Para que se expresse.
 - 3) Mesmo que humanamente não possamos ver a solução.
2. A mulher cananeia estimula-nos a procurar raios de luz através das nuvens.
 - a. Para que nos animem.
 - b. Para continuar a insistir.
 - c. Para mudar o negativo para positivo.
3. Porque Jesus é o mesmo de ontem. (Hebreus 4:14-16)

- a. Quer-nos dizer “Grande é a tua fé; seja isso feito para contigo, como tu desejas.”
- b. Confiarás n’Ele hoje?

Pensamos que com isto você está em condições de continuar a desenvolver a sua tarefa. Se tem vindo a avançar até aqui de forma regular com os seus deveres semanais, você já tem o seu tema decidido; além do seu texto, a sua proposição e o propósito específico a atingir. Com certeza já está a decidir se irá elaborar um sermão biográfico, temático, textual ou expositivo.

Agora, com os elementos que este capítulo lhe está a fornecer, reúna todas as ideias que tem em mão e faça um esquema da estrutura básica, ou seja, o esqueleto do sermão que irá preparar.

Tente ver se algum dos modelos apresentados neste capítulo se adequa ao seu tema e lhe facilitam a preparação do seu esquema.

Se tem em mente uma ideia que encaixa neles, mas que lhe permite fazer um esquema do teu tema, utilize-a.

Peça sabedoria a Deus. Organize as suas ideias. Faça um esquema. Traga o seu esquema na próxima semana. Força!

BIBLIOGRAFIA

- (1) I Coríntios 14:40.
- (2) Crane, *El Sermón Eficaz*, pp. 127 e 128.
- (3) Jones, *op. cit.*, pp. 88, 90 e 91.
- (4) *Ibid.*, pp. 88-101.
- (5) Whitesell, *op. cit.*, p. 21.
- (6) Crane, *op. cit.*, p. 140.
- (7) Jones, *op. cit.*, pp. 103-112.
- (8) *Ibid.*, p. 105.

NOTAS



LIÇÃO VIII

COMECE BEM

Agora vamos estudar a introdução.¹ Segundo Ríos, é o conjunto de pensamentos prévios que introduzem o tema que será exposto. A introdução é o começo do sermão. É um pouco como “as notas introdutórias de uma peça musical; como o átrio de um edifício. Nela dão-se os primeiros passos que conduzirão ao Sermão”²

As suas partes componentes são: o texto bíblico, uma referência ao tema a tratar, uma breve explicação que liga o texto com o tema, uma expressão que denote a relevância do tema, e algum material que atraia a atenção dos ouvintes.

I. INTRODUÇÃO

A introdução é uma parte muito destacada do sermão quando reúne as qualidades inerentes à sua função e é apresentada de forma adequada. Vamos dedicar-nos agora a tratar estes aspetos.

A. Vantagens

Existem alguns fatores prévios à pregação que o pregador terá de ter em conta. Cada ouvinte que faz parte da congregação tem as suas próprias inquietações, necessidades e expectativas. Nenhum deles sabe de quê que o pregador vai falar, mesmo que conheça o título do tema (há quem o anuncie antecipadamente), portanto é imprescindível que se estabeleça uma ponte de relação entre o orador e os seus ouvintes, que facilite a comunicação.

A introdução favorece precisamente a abertura desse caminho, pois permite uma aproximação gradual, não abrupta, do pregador ao público, e do público ao orador e ao tema. Ela dá a conhecer algo acerca do tema, de tal maneira que interessa e predispõe a congregação para receber a mensagem, preparando a mente para a receber e aceitar. Capta a atenção do auditório para o assunto que será desenvolvido.

B. Qualidades

Uma boa introdução deveria reunir uma série de qualidades que permitam que a importante função da mesma possa ser totalmente realizada. Algumas delas são:

1. Deve desenvolver um só pensamento.
2. Consistirá num pensamento intimamente relacionado com o tema.
3. Deve ser específica. Evita as generalidades tais como:

“Toda a gente sabe ..., todos os seres humanos aspiram a..., a natureza humana...”

4. A introdução não deve prometer mais do que será dado.

5. É aconselhável que seja curta, sem ser abrupta ou incompleta.

Crane defende que deveria ocupar cerca de 5% a 15% da totalidade do sermão.

6. Prepare-a cuidadosamente.

Escreva-a cuidadosamente. Aprenda-a bem, se possível de memória.

7. Convém que seja escolhida e elaborada na sua totalidade, mais para o fim do processo de preparação do sermão.

8. Deverá ser simples e interessante, evitando que seja altissonante, sensacional, excitante ou emotiva.

9. Deve existir uma transição natural entre a introdução e o desenvolvimento do sermão.

10. Outra característica muito importante será a simplicidade e a clareza.

11. Não deve antecipar demasiado, ou desenvolver partes do corpo do sermão.

12. Nunca devem ser apresentadas desculpas ou escusas impróprias na introdução de um tema.

13. As divisões principais do sermão podem ser anunciadas.

14. Será apropriada ao tema e à congregação, sem ser comum.

15. Favorecerá um clima amistoso sem ser efusiva.

16. Variar as formas de introduzir um tema é uma necessidade para aqueles que pregam com muita frequência para o mesmo público.

II. COMO INTRODUIZIR

A seguir vamos sugerir algumas das diferentes formas de introduzir um tema. Elas são:

1. A leitura ou referência a um texto.

2. A referência de algum aspeto do tema a discutir. Por exemplo: a ignorância acerca do mesmo, a necessidade de o conhecer, a sua utilidade. Um exemplo poderia ser a justificação pela fé e a santificação pela fé, ou o santuário.

3. A ocasião, o momento especial que a congregação pode estar a viver (referir essa ocasião ao começar, quer seja a Santa Ceia, um congresso, a dedicação de um templo, ou um batismo). Estas ocasiões podem muito bem ser utilizadas como introdução, porque permitem partir de um momento que a congregação está a viver.

4. O contexto bíblico do texto a estudar. Fazer um curto estudo ou desenvolvimento ou referência, da linha de pensamentos e verdades que circundam o texto que vamos estudar.

5. O marco histórico e as circunstâncias gerais que rodeiam o momento em que sucede o incidente bíblico que será alvo de estudo.

6. A geografia bíblica: características da paisagem, aspeto, vegetação, fauna, etc.

7. Costumes e antiguidades da Bíblia.

8. Uma ilustração, narração, ou relato apropriados. Alguns contestam este método introdutório por não ser o mais importante do tema, e pelo risco que proporciona ao desviar a atenção do mesmo. No entanto, costuma ser um recurso muito útil, especialmente perante auditórios novos ou onde haja crianças.

9. Uma citação destacada de um personagem famoso e apreciado pela congregação, que gire em torno do tema.

10. Um problema que esteja vinculado com o tema, ou o desenvolvimento da colocação do problema que será considerado no sermão, e solucioná-lo por ele mesmo.

11. Uma declaração evidente do tema a ser tratado e das razões da sua escolha. Por exemplo: Hoje vamos considerar alguns aspetos vinculados com a observância do sábado, com vista às bênçãos implicadas e do risco de nos descuidarmos desse aspeto.

12. Algum acontecimento contemporâneo de interesse.

13. Uma pergunta ou uma série de perguntas.

14. Uma declaração surpreendente ou intrigante.

15. Mostrar um objeto ao auditório.

16. Uma reflexão aparentemente casual.

17. Uma parábola. Foi o que Natã fez quando foi apontar o pecado do rei David.

III. ALGUNS EXEMPLOS FINAIS

Se vamos desenvolver um sermão doutrinal, poderíamos introduzi-lo destacando a importância da doutrina que vamos estudar, ou uma definição dela, ou a necessidade de a conhecer, ou as falsas ideias existentes acerca dela, ou a pouca importância que lhe é dada, ou a importante relação que a dita doutrina tenha com outras doutrinas ou temas.

Ao desenvolver um sermão, sobre um tema de controvérsia, pode-se iniciar a exposição mostrando um erro que terá de ser confrontado, a origem do mesmo (data, circunstâncias, base, os seus efeitos nefastos, a sua propagação, etc.).

A descrição do lugar, do personagem central, dos personagens envolvidos, dos costumes da época; poderá ser uma maneira adequada de introduzir um sermão biográfico ou histórico.

Num sermão preparado para uma ocasião especial, pode-se fazer referência ao aspeto especial da mesma, o motivo da reunião, as circunstâncias especiais que a rodeiam.

Para introduzir um sermão textual, pode-se explicar o sentido do texto. Também se pode indicar alguma má interpretação do mesmo, definir alguma palavra-chave especial significativa, informar quem o escreveu, quando, a quem e em que circunstâncias; ou esclarecer com o contexto.

CONCLUSÃO

A primeira impressão que um empregado novo causa no primeiro dia de trabalho, ou um pretendente no primeiro encontro com os pais da sua prometida, costuma determinar a maneira como será considerado no futuro. Costuma-se dizer que alguém que “começou bem” já percorreu um pedaço do caminho. Um bom avanço posterior garantirá o sucesso permanente.

Você já tem o seu esquema com as ilustrações incluídas, decida como vai introduzir o seu tema. Escreva a introdução completa. Aprenda-a bem. Tenha-a junto com o seu esquema do tema. Boa sorte!

BIBLIOGRAFIA

Esta lição é um resumo e adaptação das seguintes fontes:

(1) Broadus, *op. cit.*, pp. 166-172; Evans, *op. cit.*, pp. 73-81; Ríos, *op. cit.*, pp. 102-107; Crane, *El Sermón Eficaz*, pp. 159-165, Martínez, *op. cit.*, p. 170; Jones, *op. cit.*, 152-157; Dale Carnegie, *Cómo hablar bien en público e influir en los hombres de negocio* (Buenos Aires, Ediciones Cosmos, 2ª Edição, 1948), pp. 210-220.

(2) Ríos, *op. cit.*, p. 102.

(3) Jonás, *op. cit.*, pp. 154 e 155.

NOTAS



LIÇÃO IX

ILUMINE A SUA PREGAÇÃO

O sermão, tal como uma viagem de avião com escalas, parte de um ponto conhecido, desenvolve a sua trajetória com etapas previamente fixadas, em direção a um objetivo final previsto, para que cada passageiro realize o que foi planejado.¹

Vocês já pensaram no desagradável e mortal que deve ser viajar num avião hermeticamente fechado, sem luz natural nem artificial, e com uma capacidade de oxigênio limitada ao existente no seu interior no momento de entrar a bordo do seu interior?

Em contrapartida, é muito reconfortante viajar num avião equipado com janela para cada fila de passageiros, com saídas de emergência, e luz artificial interior para voos noturnos! A vista desfruta da paisagem, os pulmões oxigenam-se, a mente distrai-se, sente-se o avanço do avião, e ilumina-se o interior da aeronave.

O sermão necessita de ser iluminado e oxigenado de maneira adequada para que o ouvinte desfrute da viagem agradável em direção à verdade que deve compreender e viver quando este termine. As ilustrações são as janelas do sermão, as luzes, as entradas de oxigênio, que o iluminam e refrescam. Elas são “quadros mentais que tendem a introduzir o conhecimento através dos nossos cinco sentidos”.²

I. USO DE ILUSTRAÇÕES

As ilustrações iluminam os princípios e os detalhes da mensagem. Levam do conhecido ao desconhecido, permitindo entender as verdades pela via das comparações ou quadros.

Poderíamos enumerar diversas funções das ilustrações, que justificam o seu uso, da seguinte maneira:

1. As ilustrações servem para explicar uma verdade, clarificá-la, esclarecê-la. Paulo usou a figura da oliveira boa e da selvagem na sua carta aos Romanos, capítulo onze, para destacar a importância de permanecer ligado em obediência à raiz sustentadora.

2. Adornar a mensagem. Uma poesia cujo conteúdo clarifique o tema, mas que ao mesmo tempo o faça com gosto, apelando ao sentido poético e artístico dos seus ouvintes.

3. Utilizam-se para despertar o interesse. A narração de um problema real da vida, que se quer encarar e resolver durante a pregação, feita com bastantes detalhes vitais. Apresentada de maneira tão vívida que os ouvintes conseguem vivê-la; esta pode ser interrompida num momento de encruzilhada, emocionante. Pode-se introduzir aí a pergunta: Como poderá sair desta situação? Depois passa-se a analisar o problema e

as suas possíveis soluções com um auditório motivado. O final da narração com a sua solução pode ilustrar finalmente o que foi desenvolvido.

4. Para manter a atenção e o interesse. Um raciocínio longo ou difícil pode levar a que a mente deixe de o seguir e se distraia com outra coisa, impedindo a possibilidade de se sintonizar novamente com o tema. Uma ilustração apropriada permite atrair a mente para o ponto de partida, ao mesmo tempo que se esclarece o que está a ser exposto, imprimindo-o na mente, e predispondo esta para continuar a prestar atenção.

5. Dar descanso aos ouvintes. Como dissemos anteriormente, a mente cansa-se ao seguir uma linha ininterrupta de pensamento, salvo nos casos em que estejam habituados a fazê-lo e desfrutar disso. Há muitas pessoas que não podem seguir um raciocínio durante muito tempo. A ilustração dá descanso à mente. Refrigera-a e permite-lhe continuar o processo de desenvolvimento da mensagem que está a ser apresentada.

6. A ilustração vivifica e torna a verdade concreta. Jesus desejava deixar clara uma verdade abstrata. Queria destacar que o Pai celestial conhece as necessidades das Suas criaturas e Se interessa por elas, providenciando-lhes o necessário. Ele vivificou esta verdade e tornou-a concreta ao referir-Se ao terno cuidado de Deus e à Sua permanente atenção em relação às aves, às flores e à erva.

7. Serve para ajudar a memória. Numa zona onde circulavam habitualmente os pastores com os seus rebanhos de ovelhas, o Senhor destacou o Seu terno interesse pelo indivíduo utilizando a figura do bom pastor, as cenas quotidianas pastorais repetiam-se na mente e gravavam com mais força esta verdade, à medida que eram contempladas por aqueles que tinham ouvido Jesus.

8. Para fortalecer um argumento. Nos primeiros capítulos da sua carta aos Romanos, Paulo realça o valor da justiça que se obtém pela fé. Para fortalecer esta ideia apresentada, recorre no capítulo quatro da dita carta ao Antigo Testamento e à experiência de Abraão (muito querido no coração dos judeus). Ali demonstra que este tinha acreditado primeiro e que esta atitude lhe foi contada por justiça por Deus.

9. Para aplicar indiretamente. A fim de mostrar aos dirigentes de Israel que seriam deixados de lado por Deus por causa da sua infidelidade, Jesus usou em Marcos 12:1-12 a conhecida figura da vinha e dos lavradores maus. Se tivesse declarado esta verdade abertamente, teria sido acusado de Se levantar contra as autoridades religiosas constituídas na época e contra o povo de Deus. A figura foi bem entendida por aqueles que deviam compreendê-la.

10. Para atrair e interessar as crianças. Elas não podem seguir a linha de pensamento que os adultos seguem. Um relato introduzido para elas no momento oportuno, pode cumprir a dupla função de as interessar ao mesmo tempo que torna a verdade clara para os adultos presentes.

11. Contribui para tornar a verdade persuasiva. Para estimular os Seus ouvintes a viver o que as Suas palavras ensinam, e a desfrutar de uma melhor experiência, Jesus recorreu no capítulo sete de Mateus à parábola dos dois construtores.

12. Ajudar a tornar a verdade persuasiva. A um intérprete da Lei que estava bem encaminhado na sua teoria, mas que necessitava de superar o orgulho nacional e amar os seus inimigos samaritanos, Cristo contou-lhe a parábola do bom samaritano no capítulo dez do evangelho de Lucas. Depois disse-lhe: “vai, e faz da mesma maneira.”

13. Para convencer a mente. Existe uma ilustração proverbial que destaca o facto de que não tem lógica acreditar que a ordem do Universo passou a existir por mera casualidade. A dita ilustração pode ser resumida na seguinte frase: Assim como a precisão de um relógio evidencia a realidade de um artífice relojoeiro, da mesma maneira a maravilhosa organização de uma célula, uma vida, o sistema solar, e as galáxias, evidenciam a existência de um Artífice Supremo.

II. FONTES QUE FORNECEM ILUSTRAÇÕES

As fontes onde se podem encontrar e extrair ilustrações são diversas. Algumas delas são as seguintes:

1. As Sagradas Escrituras
2. A experiência pessoal
3. A observação pessoal
4. A natureza
5. As viagens realizadas
6. O desporto
7. Os meios de comunicação social: jornais, revistas, rádio e televisão.
8. As biografias
9. As histórias
10. As missões
11. A ciência
12. As artes
13. A imaginação
14. As conversas
15. As palavras: morte, nascer, servo
16. Livros de ilustrações. É conveniente destacar aqui que alguns contestam esta fonte, porque é um recurso fácil, não criativo. Além disso costuma acontecer que algumas deixam de ser interessantes por já terem sido usadas e repetidas.

III. MEIOS ILUSTRATIVOS

Efetivamente podem ser usados os seguintes meios ilustrativos:

1. Quadro, flanelógrafo ou imanógrafo. Para escrever um esquema, destacar pontos-chave, apresentar figuras ou diagramas.
2. Posters, imagens e quadros.
3. Representações. São adequadas para uma reunião de jovens ou acampamento, mas não para um sermão.
4. Incidentes da vida real.

5. Ilustrações da Natureza: plantas, animais, objetos ou referências a eles.
6. Parábolas
7. Poesias e cantos
8. Citações de outros pensadores
9. Projeções

IV. COMO USAR AS ILUSTRAÇÕES

Segundo o Dr. Humberto Raúl Treiyer, devemos recordar que as ilustrações são meios para esclarecer a verdade e não um fim em si mesmas.

Para as utilizar convenientemente, é aconselhável ter em conta alguns aspetos, que poderiam ser:

1. Utilizar só as que forem necessárias para ilustrar aspetos vitais que se desejem esclarecer, destacar ou fixar.
2. Devem ser breves e estar desprovidas de detalhes desnecessários.
3. Apresentá-las de forma amena e impressionante.
4. Devem ser originais para que possam ser mais efetivas.
5. Apresentá-las diretamente, sem nenhuma introdução. Não diga que vai ilustrar.
6. Ilustrar com factos reais, verdadeiros e prováveis.
7. Evitar as alusões pessoais a indivíduos que estão na congregação ou que ela conhece. Especialmente se são referidos aspetos negativos.
8. Evitar as referências à nossa pessoa destacando qualidades positivas. Só há lugar para um testemunho que glorifique Deus e faça desaparecer o *eu*.
9. Apresente uma ilustração de cada vez, adequada e direta. Não use várias juntas.
10. Usar ilustrações positivas e não negativas. Pense bem qual é a imagem que quer deixar gravada.
11. Use ilustrações variadas. Poderá alcançar uma maior diversidade de mentes e cada uma individualmente.
12. Evite as ilustrações desrespeitosas e cómicas.
13. Certifique-se de que a ilustração é apropriada e vai direta ao assunto que está a ser tratado, para que não o desvie do tema em discussão.
14. É aconselhável usar ilustrações simples, de fácil compreensão.
15. Limite o número de ilustrações de um tema ao imprescindível. Se o avião fosse apenas constituído por janelas, as suas paredes perderiam vigor e segurança.
16. Conheça bem as ilustrações que vai apresentar. Veja-as. Sinta-as. Abrevie-as. Domine-as. Repita-as.
17. Destaque os detalhes da ilustração que irá usar para tirar lições e esclarecer a verdade.
18. Distribua-as de forma equilibrada dentro do seu discurso.

Um edifício sem janelas tornar-se-á numa prisão lúgubre onde ninguém quereria habitar. As janelas bem distribuídas, posicionadas e pensadas com funcionalidade, proveem uma adequada iluminação, ventilação, e permitem a penetração dos raios de sol purificadores.

Você está a construir um edifício. Tem o tema do sermão, os materiais para o fazer, o texto bíblico, a proposição, o propósito específico, e já tem o plano ou o esquema. Além disso, já decidiu como vai preparar e organizar o seu sermão. Agora encontra-se em condições para estudar este capítulo com atenção. Depois analise o seu tema para ver quais os pontos que deseja destacar, esclarecer ou ilustrar, para que a verdade seja fixada e recordada na mente. Depois escolha as ilustrações que vai utilizar e inclua-as no esquema.

Em frente! Já falta pouco para chegar ao destino.

BIBLIOGRAFIA

(1) Esta lição é uma adaptação das ideias extraídas das seguintes obras: Broadus, *op. cit.*, pp. 138-141, 142-150; Whitesell, *op. cit.*, pp. 68-77; Hawkins, *op. cit.*, pp. 29-31, 38-40; Jones, *op. cit.*, pp. 137-139; Evans, *op. cit.*, pp. 143-148; Ríos, *op. cit.*, pp. 66-72; Treiyer, menção feita num sermão, na Universidade Adventista de River Plate, Argentina, em 2003.

(2) Whitesell, *op. cit.*, p. 67.

NOTAS



LIÇÃO X CONCLUA MELHOR

Com os passageiros sentados no interior, o avião fechou as portas de acesso, e começou a percorrer rapidamente a pista, levantou voo, e afastou-se.

A trajetória da viagem, com as suas diferentes escalas, foi-se desenrolando normalmente até que foi anunciado que o avião estava a chegar ao seu destino final. Nos passageiros produziu-se uma inquietação emocionante. Estavam a ponto de concretizar o desejo que tinha motivado a viagem. Cada um desejava aterrar para o tornar realidade. Em breve chegariam ao aeroporto.

A conclusão de um sermão é como a aterragem de uma avião. É o momento mais importante da viagem. É uma experiência emocionante. Há uma certa expectativa até que as rodas do trem de aterragem pousam na pista. Isto resume a emoção de estar a chegar à meta. A aterragem demonstra a perícia do piloto assim como a conclusão de um sermão evidencia a capacidade do pregador leigo. Alguns dizem que a conclusão é a luta final que decide o conflito. A conclusão permite concretizar o propósito específico do sermão e levar os ouvintes a uma decisão.

I. FUNÇÕES DA CONCLUSÃO

A conclusão, segundo Rios, “contém os pensamentos finais com os quais se conclui um discurso”.¹ É a parte mais importante do sermão, dado que permite dar conclusão à viagem e transforma o teórico em prático ao aplicar a verdade que foi apresentada e ao levar os ouvintes a realizá-la.²

Por esta razão, requer uma preparação cuidadosa. A conclusão deveria ser redigida ao princípio da elaboração do sermão, já que ela é concretizada no seu objetivo específico. Com o seguinte gráfico queremos dar ênfase à metáfora do sermão como uma viagem de avião. A importância da descolagem que dá início ao processo, o corpo ou desenvolvimento é o percurso através do qual se vão observando as diversas facetas da verdade que o sermão mostra às pessoas, e a conclusão é o fecho que leva as pessoas a realizar as coisas que a mensagem mostrou e quer levar a executar.

VERDADE
INTRODUÇÃO
CONCLUSÃO

II. OS COMPONENTES DA CONCLUSÃO

Para fixar melhor o contributo que a conclusão oferece ao sermão, vamos enumerar os principais elementos componentes que devem estar presentes nela, eles são:³

1. A conclusão incluirá uma transição adequada que a vincule naturalmente com o sermão apresentado e leve os ouvintes a realizar o que ouviram. Não aterre bruscamente. Quando um avião está a ponto de aterrar, o piloto avisa os passageiros acerca das indicações a seguir, o trem de aterragem sai, e desce de tal maneira que o contacto com o solo seja o mais suave possível.

2. Conterá alguma referência à verdade apresentada. Talvez um breve resumo ou recapitulação que refresque os pontos básicos ou o elemento essencial.

3. Integrará algum material que permita imprimir a verdade e recolocá-la na mente. Poderia ser uma lição prática desprendida, ou alguma ilustração. Por exemplo, se pregamos acerca da oração, podemos dar o testemunho de uma oração que Deus tenha respondido. Ao narrar o incidente, as pessoas veem como Deus atuou através dela. Identificam-se na sua necessidade com o personagem que recebe a resposta, e estão motivadas para confiar na oração e em Deus que responde.

4. Material para persuadir a aceitar ou fazer o que foi apresentado. Poderiam ser algumas observações ou inferências práticas, ou a apresentação de alguns métodos para levar à prática. Seguindo o exemplo da oração, pode-se acrescentar ao testemunho dado uma promessa bíblica que incentive as pessoas a pedirem em oração ao Deus que responde, a fim de receber uma solução e uma resposta.

5. Uma frase conclusiva forte. Por exemplo: Não há dúvida de que Deus anela que conversemos com Ele através da oração, e que responde aos pedidos dos Seus filhos.

III. CARACTERÍSTICAS BÁSICAS

Existem algumas características básicas que a conclusão deveria possuir se se deseja que ela cumpra o seu objetivo real. Elas são as seguintes:⁴

1. A conclusão deve manter uma relação estreita com o resto do discurso, já que é o alfinete de ouro do mesmo.

2. Deve ser concreta e clara. Expressará os pontos sem rodeios e com total clareza, para que não restem dúvidas acerca do que se está a dizer.

3. Será breve e direta. Abarcará entre três e cinco minutos. Aqui torna-se mais evidente do que nunca que “o que é bom, dura pouco”.

4. Deve ser solene. Este é um momento muito especial para o mensageiro de Deus. Esteve durante quase trinta minutos a tentar alcançar o nome de Deus e com a Sua ajuda a fortaleza da alma humana. Deus e os Seus anjos estão expectantes e trabalhando para que o objetivo seja atingido. Não deve penetrar neste terreno santo nenhuma frivolidade ou leviandade.

5. Será preparada cuidadosamente em todos os seus detalhes.

6. É imprescindível que não sejam incluídas novas ideias àquelas que já foram apresentadas, nem materiais que possam distrair o interesse e a atenção que o sermão originou.
7. Mesmo nas mensagens que apontam pontos escuros da experiência cristã, deve-se acentuar o positivo, chamando a atenção para o perdão, o ânimo, a esperança.
8. Faça uma conclusão para cada sermão. É impossível que um avião aterre em vários aeroportos diferentes ao mesmo tempo.
9. A conclusão dirigida a uma pessoa individualmente. Nela o pregador deixa de se dirigir ao conjunto para se concentrar no indivíduo.
10. É aconselhável que seja persuasiva e tranquila. Que pressione suave e serenamente. Ninguém quer ser obrigado compulsivamente a fazer seja o que for. A voz agradável do Espírito Santo produz decisões profundas e ricas, mas na tormenta Deus não está.
11. Será apresentada com coragem e tato, como se fala com um amigo de quem gostamos muito. O pregador tem a autoridade de um porta-voz de Deus nesse momento. Mas também representa o amor de Deus que Se aproxima da alma humana com delicadeza para atingir o seu objetivo.
12. Varie a conclusão de sermão para sermão. Não conclua sempre da mesma maneira.
13. Quando disser que vai concluir, conclua. Se dá demasiadas voltas na pista pode ficar sem gasolina e chocar, ou começar a dar tantas voltas que os ouvintes ficam tontos e não sabem onde você aterrou.
14. Evite as desculpas, o humorismo, ou qualquer coisa que distraia como olhar para o relógio, observar uma criança que chora ou se mexe, ou manifestar incômodo por esse facto.

IV. TIPOS DE CONCLUSÃO

Vamos agora enumerar alguns tipos de conclusão que podem ser usados:⁵

1. O apelo direto à congregação ou indivíduo (vocês, vós, você, tu).
2. A aplicação prática. É mais geral. Pode consistir em observações sobre o que foi apresentado, em inferências práticas do exposto, ou em lições mais completas retiradas da verdade partilhada e que são aplicáveis aos ouvintes.
3. O resumo final. Consiste em resumir o que foi dito. A sua desvantagem é que consegue menos ação e debilita o clímax que o sermão estava a desenvolver.
4. A verdade constante. Por exemplo: mencionar os construtores que construíram sobre a rocha e sobre a areia, com os resultados conhecidos. Ou os dois grupos de pessoas existentes na terra quando Jesus Cristo volte. Ou introduzir um raio de esperança perante um aspeto negativo.
5. O apelo à imaginação. Uma viagem imaginária, por exemplo. Imaginar-nos a viver na nova Terra. Vislumbrar como será a nossa vida lá se agora nos deixarmos conduzir por Deus e nos prepararmos. Tentar levar a mente a se introduzir nesse mundo para melhor o valorizar e despertar ou estimular os seus desejos de estar lá.
6. Um poema.

7. Uma ilustração. É interessante para um tema missionário onde se pretenda conseguir uma ação imediata. Mas pode distrair a atenção sobre si mesma ou sobre o pregador.

8. Falta de conclusão. Noutras palavras, não concluir. Isto supõe que o público é inteligente e seguiu o desenrolar da mensagem e está em condições de decidir por si mesmo.

9. Uma frase final. Pode ser um texto de memória, um texto parafraseado, ou uma frase bem elaborada. Contém um apelo.

O apelo

Crane⁶ apresenta cerca de cinco elementos que podem ser incluídos na conclusão, para persuadir e convidar.

Ao falar da persuasão, explica que o orador pode apelar ao desejo, que exista na alma humana, de ser feliz, de ser melhor, e de ter segurança. Também pode apelar à memória e à imaginação, à noção do dever, à gratidão e à benevolência.

Deste modo, acrescenta que o convite deve sempre ser feito de forma clara, positiva, insistente; escolhendo entre contrastes marcados e dependendo inteiramente do poder do Espírito Santo.

Em relação ao apelo, ampliaremos estes pensamentos nos capítulos seguintes.

Muito bem, meu querido aluno. O seu sermão está pronto para ser desenvolvido. Você tem o texto, a proposição, o propósito específico, a introdução, o esquema, as ilustrações.

Agora aperte o cinto e aterre. Pegue na ideia que já tem em mente para concluir o seu sermão e desenvolva-a.

Parabéns. Você está a viver uma experiência extraordinária. Está a chegar ao seu destino. Boa aterragem!

BIBLIOGRAFIA

(1) Ríos, *op. cit.*, pp. 109 e 110.

(2) Treiyer, menção feita num sermão, na Universidade Adventista de River Plate, Argentina, em 2003.

(3) Jonas, *op. cit.*, pp. 160-164.

(4) Ideias extraídas de Martínez, *op. cit.*, p. 179; Treiyer, *op. cit.*, pp. 165-167.

(5) Treiyer, *ibidem*.

(6) Crane, *El Sermón Eficaz*, pp. 170-174.



LIÇÃO XI

ESCREVA O SERMÃO

Você tem os elementos preparados para fazer o sermão: o propósito geral e o específico, o tema e o título, o texto bíblico, o esquema, a proposição, a introdução, as ideias básicas do corpo ou desenvolvimento, as ilustrações e a conclusão.

Você tem o plano do futuro edifício e todos os materiais prontos para começar a construção e desenvolvê-la até à sua culminação incluindo cada detalhe de acabamento. Chegou o momento de montar o sermão. O esqueleto do esquema será revestido de carne para que ganhe vida. Vamos escrever o sermão completo!

Para o orientar em relação à escrita do sermão, destacaremos três grandes aspectos: as diferentes formas de apresentar um sermão, os materiais mais úteis para a sua elaboração, e como escrevê-lo.

I. FORMAS DE APRESENTAR UM SERMÃO

O sermão pode ser lido, recitado de memória, improvisado, ou apresentado com a ajuda de um esquema.¹ Podem também fazer-se combinações destas formas. A maneira como se decida apresentá-lo, determinará como ele será escrito.

1. O sermão lido

Escreve-se completo com todos os seus detalhes e depois é lido tal e qual como foi escrito. Fazer isto tem as suas vantagens porque fixa de maneira mais fácil o assunto, a preparação é completa, melhora o estilo, dá mais tranquilidade ao orador, pode ser usado noutras ocasiões sem ter de o preparar novamente, e até pode ser publicado imediatamente se assim se desejar. Mas, nem todas são vantagens, pois esta forma de apresentação reduz o pensamento à rapidez da escrita. Exige um maior investimento de tempo no esforço mecânico de o escrever, ata o orador ao plano original e anula a possibilidade de incluir novas ideias, priva do estímulo mental que a congregação oferece, reduz o efeito que pode ser causado na congregação quando o orador está desatado do papel, e pode estar a esconder o temor de enfrentar o público.

2. O sermão recitado

Neste caso, o sermão é aprendido de memória depois de ter sido escrito. As vantagens e desvantagens são semelhantes ao caso anterior. Podemos acrescentar que recitar é melhor do que ler e favorece o cultivo da memória, mas exige mais tempo na preparação e favorece o aparecimento do medo de se esquecer.

3. O Sermão improvisado

Na verdade, nenhum sermão deveria ser improvisado. Todos os sermões devem ser cuidadosamente preparados – mais ou menos extensos, com um esquema mais ou menos detalhado – no seu devido tempo. Mesmo quando o pastor ou pregador «leigo» é apanhado de surpresa, nalguma Igreja ou noutra lugar, é muito importante que ele tenha sempre algum esboço ou pequeno sermão previamente preparado no caso de ocorrer algo de inesperado. Podemos colocar dentro da nossa Bíblia o nosso sermão de recurso, estando sempre preparados para qualquer eventualidade.

4. O auxílio de um esquema

Acreditamos que a elaboração de um esquema para o sermão é de grande utilidade. Ele é o fruto de uma «demorada» reflexão e meditação a respeito do tema que se pretende apresentar. Depois de retiradas ideias, pensamentos e frases que julgamos desnecessárias, ficamos com a mensagem que acreditamos ser aquela que as pessoas necessitam de ouvir. Podemos improvisar alguma coisa, acrescentar no momento alguma ideia, experiência ou comparação – segundo a inspiração do Espírito de Deus – mas certamente que logo sentiremos a necessidade de regressar à ordem lógica do nosso esquema – Introdução, Desenvolvimento e Conclusão/aplicação.²

1. A clareza da mensagem

Se o sermão é preparado atempadamente, acompanhado da necessária reflexão e oração, a mensagem naturalmente deverá ser clara e simples. A sua apresentação igualmente, deve ser clara e perfeitamente adequada ao auditório que se encontra diante do orador. As pessoas que nos escutam necessitam de compreender que Deus e a Sua Palavra vêm ao encontro das suas expectativas e problemas quotidianos; de que a mensagem de Deus é clara, acessível e tem a ver com a vida de cada dia – suas tristezas, alegrias, sonhos e frustrações.

Para que a clareza da mensagem e da sua apresentação constituam uma realidade em cada momento da pregação, é importante enquadrar, tanto a mensagem como a sua apresentação, no contexto histórico e social no qual vivemos. Isto torna-se demasiadamente importante quando utilizamos ilustrações, comparações ou outras imagens.

Deus relaciona-se com o ser inteligente, e o ser pensante cristão quer compreender melhor a Palavra de Deus, que a mente seja iluminada para que assim a vontade possa ser movida adequadamente.³

Convém, então, esclarecer o significado de texto bíblico e os temas contidos nele, indicar a relação prática da mensagem com a vida cristã, e explicar como realizar os deveres comunicados.

2. A razão

A. É imprescindível que o sermão contenha materiais de argumentação que convençam o intelecto. Pode-se apoiar a ideia apresentada com factos concretos comprovados, e com a referência a autoridades de peso na matéria tratada.

B. A Bíblia mostra-nos alguns argumentos usados de maneira muito útil, como é o caso de:

1. Se Deus cuida das aves dos céus e da erva do campo, cuidará muito melhor dos seres humanos que valem muito mais.⁴

2. A apresentação de um dilema (exposição de duas hipóteses contraditórias que, não importam qual se escolha, o resultado será o mesmo usado com efetividade pelo Senhor Jesus Cristo e Paulo).⁵

3. Expressar ao ouvinte a sua própria reação ao que foi exposto, para que a verdade seja destacada.⁶

4. Demonstrar que uma determinada posição levada à sua conclusão lógica fica reduzida ao absurdo: Jesus e Paulo ilustram isso.⁷

3. O sentido da necessidade

Apela-se demonstrando que a verdade exposta preenche a necessidade que o ouvinte tem e sabe que tem. Há três grandes necessidades humanas: amor, poder ou importância, e segurança.

4. O sentido do dever

Tenta-se despertar a consciência adormecida, movê-la à fonte de paz e amor e ao cumprimento de responsabilidades.

5. Os sentimentos

Deve-se apelar a eles com equilíbrio. Faz-se através da memória, da imaginação, e da paixão sincera do pregador. Todo e qualquer apelo às emoções deve ser seguido de alguma oportunidade para pôr em prática a verdade que foi recebida.

II. MATERIAIS DE ILUSTRAÇÃO

Já falámos deles anteriormente no capítulo “Ilumine-o”. Explicam, aumentam o interesse, conservam a atenção, fortalecem o argumento e contribuem para convencer a razão, apelam à memória, comovem os sentimentos, proporcionam descansos mentais e possibilitam a repetição frequente da verdade exposta.

Vejamos agora algumas sugestões gerais em relação à redação do sermão.

III. COMO ESCREVER O SERMÃO

Reunindo alguns pensamentos de Crane,⁸ Blackwood,⁹ e Rios,¹⁰ poderíamos afirmar que é de vital importância ter cuidado com a forma como vamos apresentar a mensagem. É necessário escrever o sermão pensando que este será ouvido e não lido. O sermão não é uma leitura que pode ser relida várias vezes. Por isso, a linguagem deve ser usada de tal maneira que seja compreensível de forma fácil e rápida. Blackwood¹¹ cita Smith Reed, afirmando que “*as três quartas partes do sucesso ao escrever bem consiste na abundante narração de factos bem escolhidos e concretos*”.

Convém cultivar um bom estilo. O estilo é “o modo peculiar de falar ou escrever de cada um”.¹² Um bom estilo torna a mensagem interessante. Dá mais habilidade ao pregador para proclamar a mensagem. Se não é cultivado, pode estacionar o pregador e pô-lo em ridículo. Ele desenvolve-se estudando o idioma, a literatura sagrada e geral,

e através da prática cuidadosa de corrigir qualquer defeito ou mau costume que detemos em nós.

Há três características que ornamentam um bom estilo. Elas são: clareza, energia e elegância.¹³ A clareza exige que nos expressemos com pensamentos compreensíveis, escolhendo bem os termos, e construindo bem as frases. As frases curtas são melhores, embora se devam alternar com frases compridas. Convém conservar a proximidade do sujeito com o predicado. A energia depende da natureza do indivíduo, o teor do discurso, a maneira como foi organizado, e a íntima comunhão com o Senhor. A elegância está relacionada com o conhecimento do idioma, a imaginação que é usada para nos exprimirmos, e o bom gosto para selecionar e adaptar tudo aquilo que embeleze o estilo, assim como evitar tudo aquilo que o torne feio.

O sermão deveria ser escrito quando se tem todo o material reunido. Deve ser feito de uma só vez sem fazer interrupções. Depois convém revisá-lo uma ou duas vezes para dar-lhe os toques finais (mas não em demasia). Evite as expressões vulgares. Tente que cada parágrafo não tenha mais do que cem palavras. Tenha uma linha de pensamento clara e coerente, sem demasiados parênteses.

Mantenha sempre em mente o propósito e a proposição, para que esta esteja constantemente presente durante o sermão. Pense bem nas pessoas que o vão ouvir. Medite nas suas necessidades individuais e de grupo. Escolha o melhor momento e lugar para escrever. Ore a Deus pedindo-Lhe ideias e palavras exatas ao escrever. Sente-se e escreva o seu sermão. Desejo-lhe muito êxito.

BIBLIOGRAFIA

- (1) Broadus, *op. cit.*, pp. 247-263.
- (2) Crane, *El Sermón Eficaz*, pp. 175-214.
- (3) Lucas 10:26 e 27; Mateus 15:10; 14:15; 13:19; Atos 8:30.
- (4) Mateus 6:26, 30.
- (5) Mateus 21:25 e 26; Marcos 12:14.
- (6) Mateus 12:27; Gálatas 2:14.
- (7) Mateus 12: 24-27; I Coríntios 15:13-19.
- (8) Crane, *op. cit.*, pp. 212-214.
- (9) Blackwood, *op. cit.*, pp. 208-212.
- (10) Rios, *op. cit.*, pp. 182-193.
- (11) Blackwood, *op. cit.*, p. 208.
- (12) Rios, *op. cit.*, p. 182.
- (13) *Ibid.*, pp. 187-193.



LIÇÃO XII

APRESENTE-O COM PODER

Há ocasiões muito estimulantes e agradáveis na vida, como a de poder oferecer um presente a um ser querido. Um presente é um sentimento interior materializado, expressa algo a quem o recebe. A preparação, o arranjo e o modo de o entregar, levam ao enriquecimento da expressão do amor que emana do ofertante.

A apresentação do sermão equivale a oferecer um presente. É uma ocasião feliz e altamente renovadora, na qual a atitude interior do pregador assim como a maneira como transmite a mensagem tem extrema importância. Estas determinam, em grande medida, a atitude com a qual a congregação receberá o pregador e a sua exposição.

O que deve o pregador voluntário ter em conta para ver o seu objetivo atingido na exposição? Vejamos três aspetos, a saber: atitude interna, aspetos exteriores e persuasão.

I. ATITUDE INTERNA

A atitude interior do pregador em relação a Deus, à sua mensagem e à congregação, é preponderante para a boa comunicação do sermão.

O pregador consciente da sua sagrada responsabilidade como emissário de Deus, vai investir todas as suas energias e recursos disponíveis para extrair inteligentemente a mensagem de Deus e procurar o Seu poder sustentador quando está a apresentá-lo, consciente das suas limitações para tão alta incumbência. Isto dar-lhe-á uma confiança humilde que irá apoiar o seu trabalho. Quem descansa no poder divino e dá o melhor de si, pode realizar o seu trabalho com confiança.

O pregador que ama a sua congregação, quererá servi-la oferecendo o melhor que tem. O pregador que a respeita e cuida procurará alimentá-la de tal maneira a que cresça depois de cada sermão. Será sensível às suas necessidades gerais e específicas e vai relacionar-se com ela amigavelmente fora do púlpito. Isto vai-lhe permitir trabalhar com mais tato e prudência, proporcionando-lhe uma melhor sintonia no momento de pregar aquilo de que ela necessita para desfrutar de uma experiência cristã melhor.

Como fatores coadjuvantes para uma melhor condição interior, será bom que o pregador leigo se lembre de que a serenidade mental proveniente de uma boa relação com Deus e uma preparação intelectual adequada será ampliada por uma rica vida de hábitos saudáveis e um bom descanso na noite anterior à exposição da mensagem. Não é recomendável, por outro lado, que nos envolvamos em problemas ou complicações nos minutos anteriores à exposição do tema.

Vamos agora considerar alguns aspetos exteriores de vital transcendência para a exposição.

II. ASPETOS EXTERIORES

Na sequência deste trabalho, vamos-nos limitar a destacar apenas os seguintes fatores: naturalidade, aparência, postura, modos e gestos, fala e voz.

1. Naturalidade

A superficialidade, o fingimento, e atitude teatral, assim como a atitude rígida, inexpressiva, formal e mecânica; deveriam ser evitadas pelo pregador leigo. Quanto mais naturais e espontâneos forem a postura, a fala, os modos e gestos, melhor será a impressão que o pregador causará.

2. Aparência

O pregador leigo deverá cuidar o seu aspeto exterior evitando o desalinho. Deve-se apresentar perante a congregação vestido de maneira sóbria com uma indumentária cuidada e ordenada. As roupas muito chamativas, as cores mal combinadas das mesmas, não convêm para a sagrada tarefa que o Senhor pôs nas mãos do pregador. Deste modo, deverá ter em atenção os seguintes detalhes: barba bem feita, unhas cortadas e limpas, dentes cuidados, cabelo curto e bem penteado, e sapatos engraxados.

3. Postura

A postura do pregador perante a sua congregação deve ser bem erguida e com os pés um pouco separados. O peso do corpo repartido sobre os dois pés, a vista para a frente, as mãos dos lados do corpo ao começar a pregação. O casaco deverá estar apertado. O pregador deve evitar colar-se demasiado ao púlpito ou reclinar-se sobre ele.

4. Modos e gestos

Os modos e os gestos naturais desprovidos de rigidez, nervosismo ou teatralidade, irão favorecer o pregador para que possa expor o seu tema livremente e facilitará a comunicação com o auditório. Geralmente os modos começam um pouco antes da frase que os acompanham.

5. Fala e voz

“A capacidade de falar é um talento que deve ser cultivado diligentemente. De todos os dons que recebemos de Deus, nenhum é capaz de se tornar numa bênção maior do que este.”¹

A. O pregador leigo será beneficiado se procurar que a sua fala seja caracterizada pelas seguintes qualidades:

1. Pronúncia sem defeitos, correta e clara, até à última palavra da frase.
2. Linguagem simples, clara e direta.
3. Boa articulação das palavras.

4. Tom ativo, modulado, audível, timbrado e variado, sem guinchos nem gritos.
5. Velocidade média. Não falar muito lento nem muito rápido. Fazê-lo com poder e expressão.
6. Temas curtos de preferência.
7. Respirar bem entre as frases.
8. Leitura da palavra de Deus clara, dando-lhe sentido, para que seja entendida.²

B. Quanto à voz, e ao seu uso adequado, vamos ter em mente as seguintes indicações:

1. Respirar profunda e corretamente, não omitindo nenhuma das três etapas da respiração, que são: inspiração, pausa, e expiração.

2. A inspiração realiza-se ao introduzir o ar pelas fossas nasais para ser filtrado, purificado, aquecido e humedecido.

3. Ao inspirar corretamente, os pulmões expandem-se para baixo pressionando o músculo diafragma, e para a frente e para os lados.

4. Depois de uma pequena pausa, o ar é expelido (expiração) sem exercer nenhum tipo de pressão para o expulsar. Isto será feito pelo movimento natural dos músculos e dos órgãos de volta para o seu lugar.

5. Ao sair deste modo o ar irá chocar contra as cordas vocais produzindo o som fundamental que vai originar a produção da voz.

6. É aconselhável fazer exercícios para aprender a regular a saída do ar expirado, a fim de poder aproveitar melhor a capacidade respiratória para emitir frases mais compridas.

7. É recomendável respirar entre cada frase para permitir a emissão do pensamento completo, sem cortes.

8. O cuidado da fala e da voz irá beneficiar a comunicação e a receção da mensagem, contribuir para um estado mais saudável do aparelho respiratório e fônico do pregador, e uma pregação mais poderosa e expressiva que aumentará a influência exercida pelo pregador leigo e a sua mensagem.

Consciente de que não esgotei, nem sequer iniciei este tema, sugiro ao pregador leigo que investigue mais sobre o assunto. Por enquanto vamos continuar a avançar na nossa exposição para nos concentrarmos na importância da persuasão.

III. A PERSUASÃO

A persuasão é a parte mais importante da aplicação. Consiste em “impulsionar ou oprimir que se quer pôr em ação”.³ Um sermão não pode terminar sem que as pessoas sejam impulsionadas a fazer algo, a tomar uma decisão.

Héctor Pereyra Suárez, adaptando o pensamento de Atkinson e Beals, afirma que a habilidade de um pregador eficiente consiste em conseguir que as outras pessoas reconheçam: 1) Que necessitam de algo. 2) ... que o evangelho tem aquilo de que necessitam. 3) ... que o podem adquirir. 4) Que devem agir em conformidade com esse sentimento e crença.⁴

Quando o pregador leigo já apresentou à sua congregação as provisões divinas que a Palavra de Deus oferece para as suas necessidades mais urgentes, e já lhe mostrou a acessibilidade das mesmas, está na hora de a convidar a agir em harmonia com o que foi exposto. Quando já aterrou, deve convidar os passageiros a realizar o propósito que motivou a viagem.

Se o pregador adotou para si mesmo aquilo que está a apresentar à congregação, se está a viver o que prega ou avançando nesse sentido com o poder de Deus; esta experiência vital dará poder persuasivo à sua mensagem. Este poder complementar o poder do Espírito Santo e os corações serão impressionados e motivados a tomar uma decisão (a menos que o ouvinte resista ao chamado de Deus).

Com o fim de favorecer este propósito, temos de recordar que ajudará muito se os sermões forem curtos, práticos, em linguagem clara e simples, positivos e fervorosos, combinados com apelos persuasivos. Além disso deve-se apelar tanto ao intelecto como ao coração do ouvinte. A oferta de Cristo e as Suas vontades devem ser apresentadas perante o povo, para que este decida ficar do Seu lado. Cada membro da congregação deverá entender que a mensagem está a ser pregada para ele de forma particular, e que se adapta às suas necessidades. Uma pregação de tom coloquial que faça perguntas ao auditório irá manter ativa a mente deste permitindo-lhe seguir com atenção o desenvolvimento temático e tomar finalmente uma decisão.

Recordemos que “a maneira em que a verdade é apresentada, frequentemente tem muito que ver com a determinação de ser aceita ou rejeitada”.⁵

Já concluiu a preparação do seu sermão? Agora, ore ao Senhor pedindo-Lhe sabedoria e poder. Revise os aspetos apresentados. Ganhe coragem e exponha o seu sermão na primeira oportunidade que tiver. Se você deseja fazê-lo e o busca, o Senhor estará ao seu lado para lhe proporcionar uma experiência cheia de êxito.

Foi um prazer partilhar estes momentos. Que o Senhor o abençoe meu querido pregador leigo!

BIBLIOGRAFIA

- (1) E. G. White, *Parábolas de Jesus*, 2018, p. 226.
- (2) Neemias 8:8.
- (3) Rios, *op. cit.*, p. 58.
- (4) Pereyra Suárez, *op. cit.*, p. 272.
- (5) E. G. White, *Evangelismo*, p. 168.

